



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA
JESSICA EDUARDA DIAS VILHENA
MARLON DE LEMOS DE SOUZA**

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA APRENDIZAGEM DE
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO 1º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Macapá
2025

FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA
JESSICA EDUARDA DIAS VILHENA
MARLON DE LEMOS DE SOUZA

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA APRENDIZAGEM DE
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO 1º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia do *Campus Marco Zero*
da UNIFAP, como parte do requisito para a
obtenção de título de Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Diana Regina dos
Santos Alves.

Macapá
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

M217e Maia, Fernando Lucas Ferreira.

Estratégias pedagógicas para aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista no 1º ano do Ensino Fundamental / Fernando Lucas Ferreira Maia, Jessica Eduarda Dias Vilhena, Marlon de Lemos de Souza. - Macapá, 2025.

1 recurso eletrônico.

92 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Pedagogia, Macapá, 2025.

Orientadora: Diana Regina dos Santos Alves.

Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Inclusão escolar. 3. Estratégias pedagógicas. I. Alves, Diana Regina dos Santos, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 378.17

MAIA, Fernando Lucas Ferreira, SOUZA, Marlon de Lemos de; VILHENA, Jessica Eduarda Dias. **Estratégias pedagógicas para aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista no 1º ano do Ensino Fundamental**. Orientadora: Diana Regina dos Santos Alves. 2025. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Pedagogia. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2025.

FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA
JESSICA EDUARDA DIAS VILHENA
MARLON DE LEMOS DE SOUZA

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA APRENDIZAGEM DE
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO 1º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do *Campus Marco Zero* da UNIFAP, como parte do requisito para a obtenção de título de Graduação em Pedagogia.

Data de Apresentação: 25 de abril de 2025, às 16 horas e 30 minutos.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Diana Regina dos Santos Alves
UNIFAP - Orientadora

Profa. Dra. Dilene Kátia Costa da Silva
Examinadora

Profa. Esp. Hiana Miranda da Silva
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A jornada deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi muito mais do que um percurso acadêmico, foi um caminho de superação, aprendizado e, sobretudo, amor. Em primeiro lugar, agradeço ao Senhor Jesus, minha luz e fortaleza, que me sustentou nos momentos de dúvida, renovou minhas forças quando pensei em desistir e guiou cada passo até aqui. Sem Ele, nada seria possível.

Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Diana Regina Alves, por sua dedicação, paciência e por acreditar no potencial deste estudo, guiando-me com sabedoria e incentivo. Aos meus amigos e companheiros de TCC, Jessica Vilhena e Marlon Lemos, que foram meu porto seguro, minha força nos dias difíceis e minha alegria nos momentos de conquista, obrigada por cada troca, cada apoio silencioso e cada riso compartilhado.

À minha mãe, Adenair Ferreira, e ao meu pai, Edcley Araújo, minha base inabalável, que me ensinaram que os sonhos são alcançados com coragem e que nenhuma tempestade dura para sempre. Nada disso seria possível sem o amor incondicional de vocês.

Com profunda reverência e um coração cheio de saudade, dedico este trabalho à memória dos meus avós, Manoel Gomes (2018) e Rosilda Lobato (2024). Guerreiros da fé, que, com suas palavras doces e abraços que curavam qualquer dor, sempre acreditaram em mim. Sei que, de onde estiverem, sorriem com orgulho. Este TCC não é apenas uma conquista acadêmica, mas um pedaço da história que construí com cada um de vocês.

Fernando Lucas Ferreira Maia

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo desta jornada acadêmica. Sem Sua graça e orientação, esta conquista não teria sido possível. Gostaria de expressar minha profunda gratidão às pessoas que foram fundamentais neste processo de conclusão do curso.

Primeiramente, às minhas duas mães, Iaracy e Alzerinda, por seu amor incondicional, apoio constante e por acreditarem em mim em todos os momentos. Sem vocês, esta jornada não teria sido possível.

À minha querida irmã, Ana Júlia, que nos deixou em 2022. Sua memória permanece viva em meu coração e, mesmo em meio ao luto por sua partida, encontrei forças para seguir em frente. Sua presença continua a me inspirar diariamente.

Ao meu irmão de seis anos, Ícaro, cuja alegria e inocência trouxeram luz aos meus dias mais desafiadores. Seu sorriso me motivou a persistir e a buscar sempre o melhor.

Aos meus amigos Marlon e Fernando, com quem compartilhei consideráveis desafios e conquistas. Juntos, enfrentamos obstáculos e celebramos vitórias, fortalecendo-nos mutuamente ao longo desta caminhada acadêmica.

À professora Diana, nossa orientadora, por sua orientação perspicaz, paciência e dedicação ao longo deste processo. Sua expertise e conselhos foram essenciais para o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos por tornarem esta realização possível.

Jessica Eduarda Dias Vilhena

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo desta jornada acadêmica.

À nossa orientadora, Diana Regina, pelo apoio, paciência e dedicação, nos guiando com seus conhecimentos e incentivando-nos a sempre buscar o melhor. Aos meus familiares, que foram minha base, oferecendo suporte emocional e compreensão nos momentos mais desafiadores.

Aos colegas de curso e amigos, pelo incentivo, troca de experiências e companheirismo ao longo dessa caminhada.

Agradeço também à UNIFAP e aos professores que contribuíram para minha formação, compartilhando seus ensinamentos e nos preparando para os desafios da vida profissional.

Por fim, a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho, minha mais sincera gratidão.

Marlon de Lemos de Souza

“A inclusão não é um favor, é um direito. Escola inclusiva não é aquela que apenas aceita a diferença, mas sim aquela que se transforma por ela.”

Maria Teresa Eglér Mantoan

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as estratégias pedagógicas utilizadas para promover a aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública no município de Macapá. Com o crescente aumento de matrículas de alunos autistas nas escolas, compreender e adaptar práticas educacionais se torna essencial para garantir um ensino inclusivo e eficaz. A metodologia adotada foi a pesquisa colaborativa, dividida em três etapas: observação, planejamento e intervenção colaborativa. Durante o processo, foram observadas práticas pedagógicas e desenvolvidas atividades adaptadas que consideraram as necessidades individuais dos alunos com TEA. Além disso, o "Guia pedagógico caminhos da inclusão: introdução sobre o autismo para educadores" foi pensada como ferramenta de apoio, a oferecer orientações práticas e estratégias pedagógicas iniciais para facilitar a inclusão e o aprendizado desses alunos no cotidiano escolar. Os resultados evidenciaram que o uso de recursos visuais, sensoriais e atividades lúdicas favorece a inclusão e o desenvolvimento cognitivo e social desses alunos. O estudo também destacou a importância da Formação Continuada de professores e da criação de ambientes de aprendizagem mais acessíveis e acolhedores.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar. Estratégias Pedagógicas > Ensino Fundamental. Adaptação Curricular.

ABSTRACT

The aim of this final paper is to analyze the pedagogical strategies used to promote the learning of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the first year of elementary school in a public school in the municipality of Macapá. With the increasing enrollment of autistic students in schools, understanding and adapting educational practices becomes essential to ensure inclusive and effective teaching. The methodology adopted was collaborative research, divided into three stages: observation, planning, and collaborative intervention. During the process, pedagogical practices were observed, and adapted activities were developed considering the individual needs of students with ASD. In addition, the guide “Pedagogical Guide to the Paths of Inclusion: an introduction to autism for educators” was designed as a support tool, offering practical guidance and initial pedagogical strategies to facilitate the inclusion and learning of these students in everyday school life.. The results showed that the use of visual, sensory, and playful resources promotes inclusion and the cognitive and social development of these students. The study also highlighted the importance of continuous teacher training and the creation of more accessible and welcoming learning environments.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. School Inclusion. Pedagogical Strategies. Elementary Education. Curricular Adaptation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Applied Behavior Analysis (Análise do Comportamento Aplicada)
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAA	Comunicação Alternativa e Aumentativa
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª edição)
EF07LP03	Código da BNCC para habilidade de criação de palavras
EF01MA01	Código da BNCC para habilidade de reconhecimento e ordenação de números naturais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LIED	Laboratório de Informática Educacional
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PEI	Plano Educacional Individualizado
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TEACCH	Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS.....	14
2	METODOLOGIAS ATIVAS COM ÊNFASE NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM AUTISMO.....	19
3	AS CONTRIBUIÇÕES DO “GUIA PEDAGÓGICO CAMINHOS DA INCLUSÃO: INTRODUÇÃO SOBRE O AUTISMO PARA EDUCADORES” NO COTIDIANO DA SALA DE AULA.....	29
4	METODOLOGIA.....	32
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	37
6	DISCUSSÃO.....	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49
	APÊNDICE A: FICHA DE OBSERVAÇÃO UTILIZADA.....	52
	APÊNDICE B: PLANO DE INTERVENÇÃO.....	54
	APÊNDICE C: ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ACADÊMICOS-PESQUISADORES.....	57
	APÊNDICE D: REGISTROS DE OBSERVAÇÃO.....	58
	APÊNDICE E: GUIA PEDAGÓGICO CAMINHOS DA INCLUSÃO.....	66

INTRODUÇÃO

A necessidade de pesquisar sobre como ocorre o aprendizado de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental é de suma importância para compreender e suprir as necessidades educacionais desses alunos. A perspectiva de Educação Inclusiva tem se destacado nos últimos tempos, e compreender como crianças autistas aprendem no ambiente escolar é essencial para assegurar que recebam o suporte e os recursos necessários para atingir seu máximo potencial acadêmico e social.

Esse tema está inserido em um contexto mais amplo de busca por práticas pedagógicas inclusivas e eficazes. À medida que mais crianças autistas são matriculadas nas escolas, emerge a necessidade de estratégias de ensino e aprendizagem que considerem suas necessidades específicas, promovendo, assim, um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e acessível para todos os alunos.

A importância e atualidade desse tema se dá pela crescente conscientização sobre a importância da inclusão escolar e, também é evidenciada no aumento no número de crianças autistas matriculadas nas escolas públicas. Dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2018, no município de Macapá, mostram que foram matriculados 484 (quatrocentos e oitenta e quatro) alunos com autismo em Educação Especial - classes comuns. Já no ano de 2023 este número subiu para 3.018 (três mil e dezoito) alunos com autismo matriculados em Educação Especial - classes comuns, apenas no município de Macapá - capital do Estado do Amapá -, o que demonstra um aumento de aproximadamente 523,97% de matrículas em um espaço de 5 (cinco) anos. (INEP, 2018-2023).

Além disso, a pesquisa nesse campo contribui não apenas para a prática educacional, mas também para o desenvolvimento de políticas públicas e programas de intervenção voltados para a promoção do sucesso acadêmico e social de crianças autistas. A seleção desse tema foi motivada pela urgência de compreender e suprir as necessidades específicas desses alunos, garantindo que recebam uma educação de qualidade e inclusiva desde os primeiros anos escolares.

O TEA é uma condição que afeta a comunicação, interação social e o comportamento, e é importante garantir que esses alunos recebam o apoio adequado para maximizar seu potencial de aprendizagem. Além disso, o ambiente escolar desempenha um papel crucial no desenvolvimento e inclusão desses alunos, e entender quais estratégias estão sendo

implementadas pode ajudar a identificar lacunas e áreas de melhoria na abordagem educacional. Investigar este tema também pode levar a uma melhor compreensão das necessidades específicas desses alunos e fornecer conhecimentos valiosos para educadores, pais e profissionais de saúde. Portanto, a problemática investigada nesta pesquisa diz respeito a **quais estratégias pedagógicas estão sendo utilizadas pela professora no 1º ano do Ensino Fundamental para promover a aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista?**

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar as estratégias pedagógicas adotadas para promover a aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede municipal de Macapá. Os objetivos específicos da pesquisa são:

1. Analisar as atividades realizadas com alunos com autismo na sala de aula do primeiro ano do Ensino Fundamental I;
2. Verificar e analisar como a professora elabora e desenvolve seus planos de aula, com ênfase nas estratégias direcionadas à inclusão e ao aprendizado efetivo dos alunos com autismo;
3. Identificar e analisar o uso de recursos pedagógicos na sala de aula voltados para a aprendizagem dos alunos com autismo.

Acredita-se que a realização desta pesquisa contribuirá para o avanço do conhecimento na área da educação, especialmente no que tange a prática pedagógica mais direcionada a inclusão das crianças autistas, aprofundando a compreensão das necessidades específicas destes alunos, permitindo o desenvolvimento de abordagens personalizadas para apoiar seu desenvolvimento social no ambiente escolar.

Este trabalho está estruturado em três seções principais. A primeira, "Aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista: características, possibilidades e desafios", discute a importância da mediação pedagógica no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças autistas, fundamentando-se em autores como Vygotsky (1984) e Gardner (1995). A segunda seção, "Estratégias de ensino ativo com ênfase na aprendizagem de alunos com autismo", apresenta metodologias inclusivas, como Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação (TEACCH) e Applied Behavior Analysis - Análise do Comportamento Aplicada (ABA), além do uso de recursos visuais e tecnologias assistivas para promover um ensino adaptado. Por fim, a terceira seção, "As contribuições do 'Guia pedagógico caminhos da inclusão: introdução sobre o autismo para educadores' no

cotidiano da sala de aula", encontrado no Apêndice E deste trabalho, analisa o papel desse material como suporte prático para professores, abordando a adaptação curricular, a organização do ambiente escolar e a colaboração entre escola e família.

Ressalta-se que devido o descompasso entre o calendário acadêmico da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), durante a realização do componente curricular TCC I, e o calendário escolar das escolas da rede municipal, foi urgente iniciar a ida à escola-campo para coleta de informações empíricas, assim sendo, as seções teóricas foram escritas posteriormente.

O tipo de pesquisa foi a colaborativa como método de procedimento que integra pesquisa e ação prática. Para Sankaran (2001 *apud* Mallmann, 2015), a pesquisa colaborativa é uma estratégia de colaboração e aprendizagem em projetos individuais ou ações em equipes. Envolve a colaboração estreita entre pesquisadores e participantes, geralmente em um contexto específico, para identificar e abordar problemas práticos. Os participantes não apenas são objetos de estudo, mas também são agentes ativos na coleta de dados, análise e implementação de soluções. Esse procedimento visa gerar conhecimento útil para resolver problemas do mundo real.

Segundo Thiollent (2009 *apud* Mallmann, 2015), em *Metodologia da Pesquisa-ação*, pode-se definir a pesquisa colaborativa como um tipo de pesquisa empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema e no qual os pesquisadores e os participantes, sujeitos da pesquisa, representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo.

O aporte teórico que servirá como subsídio para a análise das informações obtidas foi baseado em Teses, Dissertações e artigos diretamente relacionados ao tema desta pesquisa, além dos seguintes autores: Glat (2009), Glat e Pletsch (2013), Libâneo (2006), Mantoan (2003), Vygotsky (1984, 1998), Gardner (1995, 2001) e Oliveira e Costa (2023).

A revisão bibliográfica se sucedeu da seguinte forma: Primeiramente, foram levantadas Teses e Dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em seguida foram selecionados artigos do Google Acadêmico pesquisados pelas equações-chave: “aprendizagem autista”, “inteligências múltiplas”, “Desenvolvimento Vygotsky”, “aprendizagem AND criança autista”.

Posteriormente, foram escolhidos livros e *e-books* dos autores que serviram como aporte teórico desta pesquisa. Os livros foram selecionados a partir da relação com a temática desta pesquisa.

1 APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS

O Transtorno do Espectro Autista é definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) como uma condição caracterizada por desafios na comunicação, interação social e padrões de comportamento repetitivos e restritos, variando em três níveis de suporte. No Nível 1, a criança necessita de apoio para lidar com dificuldades sutis nas interações sociais e na flexibilidade de comportamento. No Nível 2, essas dificuldades se tornam mais evidentes, exigindo suporte substancial. No Nível 3, os desafios são severos, impactando significativamente a comunicação e a adaptação a mudanças, demandando apoio muito substancial.

Sella e Ribeiro (2018) complementam essa visão ao destacar em *Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista*, que crianças autistas podem demonstrar dificuldades em manter contato visual, compreender expressões faciais e participar de interações sociais espontâneas. Além disso, é comum apresentarem padrões de comportamento repetitivos, como balançar o corpo ou alinhar objetos, além de interesses restritos e intensa resistência a mudanças na rotina. Essas características variam em intensidade, tornando o espectro autista amplo e heterogêneo, o que exige abordagens personalizadas para apoiar seu desenvolvimento.

A aprendizagem desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. O período inicial de escolarização estabelece as bases para o futuro acadêmico, moldando as percepções da criança sobre a aprendizagem e o mundo ao seu redor, assim, segundo Cória-Sabini (1998) *apud* Cória-Sabini e Lucena (2019, p. 13) a aprendizagem, no seu sentido mais amplo, é definida pela aquisição de habilidades, hábitos e preferências.

No contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a abordagem pedagógica deve ser centrada na criança, reconhecendo sua curiosidade inerente e propensão para explorar o ambiente. A aprendizagem lúdica é uma ferramenta poderosa nesse estágio, permitindo que as crianças aprendam por meio de atividades envolventes e interativas. Brincadeiras, jogos e atividades artísticas não apenas estimulam o desenvolvimento motor, mas também promovem habilidades sociais e emocionais.

Embora a criança diagnosticada com autismo possa apresentar dificuldade e ter desafios em áreas como comunicação e interação social, em alguns casos é possível superar estas

barreiras e estimular o desenvolvimento de habilidades e potencialidades aguçadas. Tais habilidades podem se manifestar em várias áreas, incluindo matemática, música, arte, memorização e outras. É crucial reconhecer e valorizar essas habilidades, pois elas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e na qualidade de vida das crianças autistas. Assim, como explica Oliveira *et al.* (2022, p. 54), ao apoiar e estimular o desenvolvimento de habilidades, é possível ajudar as crianças autistas a alcançarem seu pleno potencial e se tornarem membros valiosos e contribuintes para a sociedade.

Os educadores desempenham um papel importante na criação de um espaço escolar que valoriza a diversidade e celebra as habilidades individuais de cada criança autista. Estratégias pedagógicas que enfatizem a comunicação visual, como o uso de imagens e apoios visuais, podem ser fundamentais para facilitar a compreensão, atividades que se baseiam em seus interesses particulares podem aumentar a motivação e a participação, pois a promoção de interações sociais positivas também é uma parte integrante do processo de aprendizagem (Fino, 2001, p. 5). Portanto:

Numa perspectiva sócio-histórica e construtivista, o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experientes. Uma dessas ferramentas é a linguagem. A interação social mais efetiva é aquela na qual ocorre a resolução de um problema em conjunto, sob a orientação do participante mais experiente a utilizar as ferramentas intelectuais adequadas.

No contexto do ensino e da aprendizagem de crianças autistas, a abordagem sócio-histórica e construtivista, fundamentada em Vygotsky, destaca a importância da interação social para superar desafios de comunicação. Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento humano ocorre por meio da mediação social e da linguagem, elementos essenciais dentro do socioconstrutivismo. No caso do Transtorno do Espectro Autista, as dificuldades na comunicação e na interação social podem aumentar esse processo, tornando indispensável o uso de estudos.

Entende-se, portanto, que reconhecer as diferentes formas de processamento cognitivo e aplicar estratégias pedagógicas que considerem preferências individuais são cruciais. A inclusão de apoios específicos, como tecnologias assistivas, é essencial para facilitar a participação ativa das crianças autistas, promovendo autonomia.

Embora Vygotsky não tenha escrito exclusivamente sobre o autismo, suas ideias, conforme mencionado por Fino (2001), oferecem uma base teórica relevante para a construção de práticas educacionais adaptadas. Sua perspectiva enfatiza que a aprendizagem ocorre na

interação com o outro, o que reforça a necessidade de ambientes escolares que favoreçam mediações eficazes e o desenvolvimento integral das crianças autistas.

Para Lemos, Salomão e Ramos (2014 *apud* Oliveira *et al.*, 2022, p. 45) apesar do autismo ser frequentemente associado a características pejorativas e primitivas é importante destacar que algumas crianças autistas podem apresentar uma ampla variedade de habilidades. Segundo Gardner (1995), a teoria das inteligências múltiplas propõe que a inteligência não seja uma entidade única, mas sim um conjunto diversificado de habilidades. Suas oito formas de inteligência incluem linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista.

No âmbito da inclusão escolar, a abordagem de Gardner (1995) destaca a importância de reconhecer e valorizar as diferentes formas de inteligência presentes em cada pessoa. Embora as crianças autistas possam enfrentar desafios específicos devido à sua neurodiversidade, elas também podem trazer uma série de talentos e habilidades singulares. As potencialidades podem se manifestar em diversas áreas, como raciocínio lógico, criatividade, capacidade de foco e atenção aos detalhes, as potencialidades da criança autista são vastas, mas seu desenvolvimento requer um esforço em conjunto da escola, educadores e família para garantir que suas potencialidades atinjam seu máximo potencial educacional e pessoal.

No contexto do autismo, cada indivíduo, possui um perfil único de habilidades e desafios, isso significa que, em vez de presumir limitações ou capacidades, é essencial considerar e valorizar as potencialidades individuais, criando estratégias pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento pleno de cada aluno.

Ao focar nas crianças com autismo do 1º ano do Ensino Fundamental, é crucial compreender as características do TEA. Crianças com autismo podem apresentar diferenças significativas em suas habilidades cognitivas, sensoriais e sociais. Algumas podem ter dificuldades em expressar suas necessidades e emoções, enquanto outras podem manifestar interesses restritos e comportamentos repetitivos. Portanto, é indispensável o planejamento de aulas e a utilização de estratégias pedagógicas. Para Glat (2007, p. 42):

A inclusão em classes regulares de alunos com deficiência ou outras condições que afetam a aprendizagem não pode ser um processo espontâneo. Ao contrário, exige reflexão e planejamento para identificar as necessidades de aprendizagem específicas que eles apresentam em sua interação com o contexto educacional.

Ao planejar aulas que atendam as necessidades dos alunos e permitam conhecer as limitações das crianças com autismo, o professor reúne informações que lhe permitem fazer

análises de modo a conhecer individualmente seus alunos, suas limitações e seus objetos de interesse, para que assim seja possível realizar a adaptação curricular.

A adaptação curricular é um processo contínuo, sendo importante acompanhar o desenvolvimento da criança, fazendo ajustes conforme necessário e estando sempre aberto a novas estratégias à medida que ela cresce e se desenvolve. Essa adaptação para crianças com TEA é essencial para apoiar seu desenvolvimento. Com uma abordagem individualizada, objetivos claros e apoio adequado, é possível proporcionar um ambiente que permita que essas crianças alcancem seu pleno potencial e participem plenamente na sociedade, além de construir um efetivo processo de ensino e aprendizagem.

A partir da abordagem sócio-histórica e construtivista, entende-se o papel do professor, o qual tem por objetivo maior o desenvolvimento expressivo-motor, socioafetivo, cognitivo e linguístico das crianças, por meio da mediação pedagógica. Essa forma de mediação se caracteriza pela intencionalidade e sistematicidade de planejamento das ações, diferenciando-se das mediações cotidianas, que são imediatas e nem sempre intencionais, como discorre Maria Rocha (2005, p. 42 *apud* Costa; Oliveira, 2018, p. 53):

As mediações pedagógicas têm uma orientação deliberada e explícita no sentido da aquisição de conhecimentos sistematizados pela criança e de transformação de seus processos psicológicos. A mediação do adulto, no contexto pedagógico, deve ser, tipicamente, consciente, deliberada.

Além da importância da mediação social, os recursos pedagógicos são considerados significativos mediadores instrumentais, ou seja, são ferramentas essenciais no processo de ensino e aprendizagem, abrindo portas para a compreensão e engajamento dos alunos. Sejam materiais didáticos, tecnologias interativas ou métodos inovadores, esses recursos potencializam a aprendizagem, tornando-a mais dinâmica e significativa.

O uso de recursos pedagógicos é potencializador, pois transformam a sala de aula em um ambiente mais estimulante e eficaz. Essas ferramentas não apenas diversificam o processo de aprendizagem, mantendo os alunos envolvidos, mas também atendem a diferentes estilos de aprendizagem. Além disso, promovem a compreensão profunda dos conceitos, facilitam a retenção do conhecimento e preparam os alunos para enfrentar os desafios do mundo moderno, cada vez mais dependente de habilidades críticas e inovadoras.

A utilização dos recursos pedagógicos impacta positivamente a aprendizagem das crianças de diversas maneiras. Ao incorporar elementos visuais, auditivos e táteis, esses recursos estimulam diferentes sentidos, tornando o processo de aprendizado mais envolvente e

multidimensional. Os recursos pedagógicos desempenham um papel fundamental no apoio ao desenvolvimento e aprendizado de crianças autistas. A individualidade e as necessidades únicas dessas crianças exigem abordagens educacionais específicas, e os recursos pedagógicos desempenham um papel crucial nesse cenário. Portanto, desempenham um papel fundamental no apoio à aprendizagem de crianças com autismo, como ressaltam Daguano e Fantacini (2011 *apud* Costa, 2015, p. 46) “a importância da utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras para a estimulação do desenvolvimento destas crianças, nos aspectos da comunicação e interação social, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades [...]”.

Nesse sentido, cronogramas visuais e placas de rotina são recursos valiosos. Essas ferramentas proporcionam uma compreensão visual do que está por vir, ajudando as crianças a se sentirem mais seguras e preparadas para as transições. Além disso, materiais manipulativos e atividades sensoriais são essenciais para promover o envolvimento e a compreensão de conceitos abstratos. Brinquedos sensoriais, texturas diferentes e experiências táteis criam oportunidades para a exploração e aprendizado.

É fundamental que os educadores estejam cientes das preferências sensoriais e estilos de aprendizagem únicos de cada criança autista. Adaptar o ambiente, incorporar recursos visuais e sensoriais, e adotar abordagens estruturadas são passos cruciais para criar um ambiente educacional inclusivo e estimulante para essas crianças.

2 METODOLOGIAS ATIVAS COM ÊNFASE NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM AUTISMO

Ao longo do tempo, diferentes sociedades desenvolveram abordagens educacionais conforme suas necessidades e experiências. Nos anos 2000, a inclusão escolar ganhou força com o auxílio de mediadores, inicialmente acompanhados por especialistas em saúde, como terapeutas infantis, que atuavam como ponte entre saúde e educação (Mousinho, *et al.*, 2010).

Nos anos de 1970, a Pedagogia progressista introduziu o professor como mediador, destacando a importância de atender às necessidades dos alunos. Atualmente, a Formação Continuada de professores é essencial para lidar com a diversidade, fortalecer as relações professor-aluno e promover uma educação integral. No passado, o professor era visto como uma figura rígida, responsável por transmitir conhecimento e moldar comportamentos. Hoje, o educador deve adotar uma postura crítica, reconhecer suas limitações e respeitar a individualidade dos alunos. Além do domínio do conteúdo, é valorizada a capacidade de mediar, colaborar e construir ativamente o processo de ensino-aprendizagem, integrando tecnologias, afetividade e práticas inovadoras para um ensino mais dinâmico e participativo.

A Educação Inclusiva implica uma visão diferente da educação tradicional, baseada na heterogeneidade em vez da homogeneidade. Reconhece-se que cada aluno possui capacidades, interesses, motivações e experiências pessoais únicas, ou seja, a diversidade é considerada parte do "normal". Nessa concepção, o foco está em desenvolver uma educação que valorize e respeite as diferenças, enxergando-as como uma oportunidade para otimizar o desenvolvimento pessoal e social e enriquecer os processos de aprendizagem. (Batista *et al.*, 2023, p. 44).

O papel do professor como mediador é central em um modelo de ensino que visa a construção ativa do conhecimento pelos alunos, especialmente em contextos que demandam práticas inclusivas, como no trabalho com estudantes com Transtorno do Espectro Autista. A mediação vai além da transmissão de conteúdos, exigindo do docente habilidades de observação, adaptação e incentivo ao desenvolvimento da autonomia do aluno.

De acordo com Santos (2007), vive-se em um período de tradução onde é essencial fomentar diálogos entre os diversos saberes e experiências presentes neste mundo plural e diverso. Nesse contexto, em relação às crianças autistas, torna-se indispensável refletir sobre as realidades enfrentadas por elas, que frequentemente têm acesso limitado a uma educação de qualidade, sendo fundamental que professores e demais funcionários aprimorem seus conhecimentos sobre as necessidades específicas desses alunos. É igualmente necessário reconhecer as características e comportamentos únicos dos alunos autistas, já que eles possuem

uma forma própria de interpretar e perceber o mundo, distinta das outras crianças de sua idade. Entretanto, é importante destacar que poucas escolas oferecem formação adequada para atender essa demanda.

Conforme Fávero *et al.* (2009), em uma abordagem inclusiva, os educadores enfrentam inúmeros desafios em suas práticas pedagógicas, especialmente porque a presença de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na sala de aula gera impactos significativos, muitas vezes agravados pela falta de preparo dos professores para implementar estratégias pedagógicas apropriadas.

Para atender às necessidades dos alunos, especialmente aqueles com Transtorno do Espectro Autista, é fundamental que os profissionais da educação adotem um olhar diferenciado, capaz de interpretar com sensibilidade os comportamentos e atitudes dessas crianças antes de intervir. Não basta apenas possuir bom senso ou sensibilizar-se com a situação; é indispensável uma formação adequada, que permita garantir condições igualitárias e evitar o insucesso escolar desses educandos.

O papel do professor-mediador é central nesse processo, já que sua observação atenta possibilita a identificação das necessidades individuais dos alunos, considerando as amplas variações de características presentes nos casos de TEA. Com base nessa análise, o educador pode desenvolver estratégias pedagógicas adaptadas, que respeitem os ritmos e as formas de interação de cada criança. Essas adaptações incluem a personalização de materiais didáticos, a simplificação de instruções e o uso de recursos visuais para facilitar a compreensão, autonomia e promover uma aprendizagem inclusiva e efetiva.

Promover a autonomia de alunos autistas exige estratégias pedagógicas adaptadas às suas necessidades individuais, respeitando seu ritmo e modo de aprendizado. De acordo com Bosa (2006), a autonomia para crianças autistas deve ser estimulada por meio de um ambiente estruturado e previsível, pois a previsibilidade reduz a ansiedade e favorece a participação ativa nas atividades escolares. Dessa forma, a organização do espaço, o uso de rotinas visuais e a comunicação alternativa são ferramentas essenciais para proporcionar segurança e independência.

Além da estruturação do ambiente, a mediação do professor e a personalização das atividades são fundamentais para promover a autonomia. Segundo Vygotsky (1984), a aprendizagem ocorre na interação social e no suporte oferecido por um mediador mais experiente. Para alunos autistas, isso significa utilizar estratégias como ensino por modelagem, reforço positivo e uso de interesses específicos para engajá-los nas tarefas. Isso permite que a

criança se aproprie gradualmente de novas habilidades e desenvolva a confiança necessária para realizar atividades de forma independente.

Por fim, a parceria entre escola e família desempenha um papel crucial na construção da autonomia. De acordo com Schmidt e Bosa (2017), a continuidade das estratégias pedagógicas em casa fortalece o aprendizado e torna o processo mais significativo para a criança. Reforçar rotinas, incentivar pequenas responsabilidades e promover a autoconfiança são práticas que, quando aplicadas de maneira consistente, favorecem o desenvolvimento da independência no contexto escolar e cotidiano.

A preparação de professores pode ser examinada a partir de diferentes perspectivas. Historicamente, essa formação foi organizada em dois modelos predominantes: o modelo baseado no conteúdo cognitivo, característico do ensino superior e com ênfase em conteúdos específicos; e o modelo pedagógico, direcionado à capacitação de docentes para atuar nas escolas primárias. Nesse cenário, o foco principal era a preparação dos professores para o mercado de trabalho, especialmente dentro do contexto do sistema produtivo capitalista. Nesse sentido, destaca-se a importância de priorizar uma formação docente centrada no ensino, uma vez que os professores desempenham um papel crucial como mediadores no processo de aprendizagem, em oposição ao modelo anterior que priorizava demandas do mercado de trabalho capitalista (Guimarães *et al.*, 2023).

Além disso, a Formação Inicial de professores não é suficiente para lidar com os desafios complexos que surgem na educação e escolarização de alunos com TEA. Por isso, a Formação Continuada torna-se indispensável para que os docentes desenvolvam estratégias e ferramentas capazes de promover intervenções eficazes que contribuam para o desenvolvimento desses alunos.

De acordo com Lima e Aguiar (2015), a Formação Continuada pode ser compreendida a partir de diversos termos e significados. Entretanto, o que define essa prática está diretamente relacionado ao papel desempenhado pelo formador, que é visto como um mediador e facilitador do processo de ensino. Nesse contexto, os autores ressaltam que:

A Formação Continuada, desse modo, é vista pelos formadores na relação entre a troca de saberes – que possibilita a análise de práticas docentes – e a reflexão do grupo que está em formação. Para os formadores, o seu papel seria o de mediar esse processo (Lima; Aguiar, 2015, p. 27).

A sensibilização do professor para as particularidades do TEA também é fundamental para criar um ambiente acolhedor e inclusivo. Segundo estudos de Lorna Wing, entender as

dificuldades específicas de comunicação e interação social enfrentadas por alunos com TEA ajuda o professor a ajustar suas expectativas e práticas. Além disso, a inserção de metodologias ativas no cotidiano escolar, como aprendizagem baseada em projetos e uso de tecnologias interativas, demanda que o professor esteja constantemente atualizado e aberto a inovar em suas abordagens.

O ensino ativo pode ser utilizado como uma abordagem pedagógica que coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, estimulando sua participação por meio de atividades práticas, resolução de problemas, colaboração e reflexão. Diferente dos métodos tradicionais, o ensino ativo prioriza o protagonismo do aluno, incentivando-o a construir conhecimento de forma significativa e contextualizada.

Ao longo das últimas décadas vários programas de metodologias ativas foram desenvolvidos e testados. Elas apresentam em comum o objetivo de trazer o aluno para o centro do processo educativo, procurando envolvê-lo ativamente no processo de ensino-aprendizagem. (Mota, 2018, p. 268).

Na Educação Inclusiva, o ensino ativo desempenha um papel essencial ao reconhecer a diversidade dos estudantes e ao oferecer estratégias pedagógicas que atendam às necessidades individuais, incluindo as de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Essa abordagem está alinhada aos princípios de equidade e acessibilidade, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas características ou desafios, possam participar ativamente do processo de aprendizagem. Para estudantes com TEA, o ensino ativo permite a adaptação de conteúdos e metodologias às suas necessidades específicas, promovendo a inclusão e uma participação mais efetiva.

Além disso, o ensino ativo se destaca como uma abordagem inovadora e eficaz na Educação Inclusiva, pois favorece o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais, ao mesmo tempo em que possibilita uma educação mais personalizada e significativa. Dessa forma, torna-se um importante aliado no planejamento e na execução de aulas adaptadas às especificidades de cada aluno, contribuindo para uma prática pedagógica mais inclusiva e transformadora.

O ensino ativo é uma ferramenta poderosa para estimular o engajamento dos alunos com TEA, muitas vezes caracterizados por desafios na comunicação, interação social e manutenção da atenção. Métodos ativos, como atividades práticas, jogos educativos e projetos interdisciplinares, ajudam a capturar e manter o interesse desses alunos, transformando o aprendizado em uma experiência envolvente. Além disso, essa abordagem favorece o

desenvolvimento da autonomia. Por meio de atividades que incentivam a tomada de decisão, a resolução de problemas e a autoavaliação, os alunos com TEA são estimulados a se tornarem mais independentes, o que contribui significativamente para sua vida acadêmica e social. A aplicação gradual de tarefas desafiadoras, dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de cada aluno, é uma prática recomendada para promover a autonomia de forma segura e progressiva.

ZDP é um conceito elaborado por Vygotsky, que define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da resolução de um problema ou situação pela interação, relacionamento com uma pessoa mais experiente ou em colaboração com um grupo de pessoas dispostas a resolver o assunto ou questão. (Rodrigues; Silva; Silva, 2021, p. 5).

A aprendizagem significativa, um dos pilares do ensino ativo, também é essencial para alunos com TEA. Ao conectar o conteúdo às experiências e interesses individuais, o professor facilita a compreensão e a retenção do conhecimento.

A adaptação desse ensino para crianças autistas é fundamental para garantir a eficácia da aprendizagem do que se está ensinando e a inclusão escolar do educando. Quando se ajusta o ensino às necessidades, características e zona de interesse da criança autista, cria-se um ambiente propício para o desenvolvimento integral dessa criança. Para Oliveira e Silva (2023) a adaptação vai para além de atividades modificadas, diz respeito a repensar métodos de ensino, avaliação e recursos pedagógicos para que a criança possa ser de fato incluída. É também analisar o ambiente ao qual a criança está integrada e os estímulos que ela recebe nele.

O ambiente mais adequado para a criança com TEA seria uma sala de aula onde os detalhes dela facilitem sua integração e a disposição das mesas, os recursos visuais, as atividades e as instruções dadas tenham como propósito único produzir uma experiência de aprendizado personalizada a essa criança, respeitando quem ela é. A utilização de recursos visuais como imagens, quadros, infográficos e pictogramas podem resultar em uma melhor compreensão dos conteúdos e informações, evidenciando um ambiente mais estruturado, com rotinas previsíveis que auxiliam na autonomia, controle e empenho nas atividades propostas, variando de criança para criança (Costa; Pereira, 2023).

Ao fomentar uma rotina escolar com incentivos visuais e sensoriais, cria para a criança com TEA um ambiente que proporciona antecipação, ou seja, faz com que ele se prepare para as atividades e eventos que ocorrerão na escola com antecedência. A rotina é de suma

importância no cotidiano dessa criança, podendo assim ser utilizada como estratégia pelos professores e pela família, resultando em menos estresse e ansiedade.

Outro ponto de destaque é o planejamento e desenvolvimento das atividades que englobe as necessidades de cada criança com TEA. Sabe-se que cada criança possui características próprias e individuais, isso não seria diferente nas crianças autistas. Portanto, atividades que são efetivas para uma criança podem não funcionar para outra. Assim, não se deve, generalizar o ensino para crianças autistas, e sim avaliar e analisar quais são as necessidades específicas de forma individualizada.

Segundo Santos e Lima (2023) o uso de metodologias personalizadas permite que os alunos com TEA assimilem de maneira mais fácil o conteúdo e sintam-se mais motivados a participar do processo de aprendizagem, auxiliando-os a superar barreiras cognitivas e sociais. Uma maneira de garantir que o ensino seja adaptado às características individuais da criança autista é o Plano Educacional Individualizado (PEI). Ele é um documento que foi elaborado para atender às necessidades educacionais específicas de cada aluno, sendo assim uma ferramenta muito útil para o professor identificar as estratégias pedagógicas e os recursos necessários para alcançar os objetivos educacionais.

Por isso, adaptar o ensino e personalizar as práticas pedagógicas não apenas ajudam os alunos com TEA a aprender de forma mais eficaz, mas também criam um ambiente mais inclusivo e acolhedor, permitindo que desenvolvam tanto suas habilidades acadêmicas quanto sociais.

A Educação Inclusiva demanda a superação de barreiras históricas e a construção de práticas pedagógicas capazes de promover a participação plena de todos os alunos. Nesse contexto, o uso de estratégias que envolvam a interação entre os pares, a utilização de métodos multissensoriais e a aplicação de tecnologias assistivas revelam-se fundamentais para ampliar as possibilidades de aprendizagem e comunicação dos estudantes com necessidades educacionais específicas (Brasil, 2008; Cat, 2007). Tem como objetivo discutir, a partir de uma perspectiva teórica e prática, como essas abordagens podem favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e comunicativo dos alunos, contribuindo para a formação de uma sala de aula inclusiva.

O ensino por pares consiste na promoção de atividades estruturadas nas quais os alunos interagem de forma colaborativa, permitindo que os colegas atuem como mediadores no processo de aprendizagem. No contexto do autismo, essa abordagem pode favorecer o desenvolvimento de competências comunicativas e sociais, já que a interação entre os pares

estimula a troca de informações e o apoio mútuo. Em salas do Ensino Fundamental I, atividades como trabalhos em duplas ou pequenos grupos onde se estabeleçam papéis definidos e rotinas de cooperação podem ajudar a diminuir o isolamento e a promover o senso de pertencimento dos alunos autistas. Ao vivenciarem essas práticas, os alunos têm a oportunidade de aprender, por meio da imitação e do diálogo, estratégias de resolução de problemas e de regulação emocional, contribuindo para a construção de uma cultura escolar mais colaborativa (Guimarães *et al.*, 2010).

Alunos com Transtorno do Espectro Autista costumam processar informações de maneira diferente, beneficiando-se da estimulação simultânea de múltiplos sentidos. No Ensino Fundamental I, a utilização de materiais concretos, como modelos tridimensionais, objetos manipuláveis e recursos visuais ampliados podem facilitar a compreensão de conceitos abstratos, ao mesmo tempo em que atividades que envolvam sons, músicas e instruções orais podem contribuir para a fixação dos conteúdos a depender das especificidades do aluno com TEA. Essa abordagem permite que o aluno autista explore e relacione diferentes fontes de informação, tornando o ambiente de aprendizagem mais dinâmico e inclusivo (Libâneo, 2012; Tardif, 2010).

O método Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação é uma estratégia educacional de reconhecimento mundial que destaca a organização visual do aprendizado, algo crucial para estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista. Essa técnica estabelece o espaço educacional de forma ordenada e previsível, empregando cronogramas visuais, diagramas e áreas delimitadas. A organização visual proporcionada pelo TEACCH possibilita que estudantes com TEA compreendam melhor as rotinas escolares e realizem tarefas com mais segurança, diminuindo sua ansiedade e aprimorando sua capacidade de atenção. Segundo dados de Martins e Souza (2023), essa metodologia apresenta resultados positivos ao oferecer um ambiente estruturado e controlado, fator essencial para alunos com dificuldades de comunicação e organização.

O Método TEACCH (Treatment And of Autistic And Related Communication Handicapped Children), que traduzido em português significa Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação, é um programa de intervenção terapêutica educacional e clínico, conforme afirma Schwartzman (1995). (Araújo, 2015, p. 8).

Em uma outra perspectiva, a Análise do Comportamento Aplicada é outra abordagem amplamente utilizada para ensinar competências acadêmicas e sociais a estudantes com TEA, com foco no uso de reforço positivo e na redução de comportamentos desafiadores. A ABA

aplica os fundamentos da Psicologia comportamental, utilizando reforços e penalidades controladas para ajustar comportamentos e facilitar aprendizagens específicas. Conforme Oliveira e Costa (2023), essa técnica é altamente eficiente devido à sua personalização, adaptando o ensino às particularidades de cada estudante. A ABA tem sido aplicada com sucesso no ensino desde habilidades cotidianas até conteúdos acadêmicos mais complexos.

ABA é a abreviação para Applied Behavior Analysis. Muitos definem a aplicação de ABA para crianças autistas como “aprendizagem sem erro”. A análise comportamental é uma abordagem científica para o estudo do comportamento (Medeiros, 2021, p. 72).

Outro método eficaz no ensino de crianças com TEA é o aproveitamento de seus interesses individuais para incentivar o aprendizado. Quando educadores integram atividades que se conectam aos interesses pessoais dos alunos, há um aumento notável na motivação e no engajamento. Esse tipo de estratégia também contribui para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, pois os alunos se sentem mais envolvidos com o conteúdo e mais inclinados a interagir com colegas. Costa e Silva (2023) apontam que essa abordagem proporciona uma aprendizagem mais relevante, unindo conteúdos acadêmicos aos interesses individuais dos alunos, gerando um ambiente mais receptivo e produtivo.

A tecnologia também tem se mostrado um recurso valioso no ensino de estudantes com TEA, especialmente no campo da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Aplicativos educacionais e ferramentas digitais, como dispositivos de CAA, oferecem suporte para que esses alunos se expressem de forma mais eficaz e melhorem suas habilidades cognitivas e motoras. Lima e Pereira (2023) afirmam que o uso de tecnologia permite que alunos com TEA pratiquem competências em ambientes interativos e estimulantes, contribuindo para seu avanço acadêmico e social.

O ensino de competências sociais e emocionais também é uma abordagem personalizada fundamental para estudantes com TEA. O objetivo é auxiliá-los no desenvolvimento de habilidades para se relacionarem com os outros e compreenderem suas próprias emoções, bem como as emoções alheias. Santos e Rodrigues (2023) enfatizam que essas competências são essenciais para a inclusão social, ajudando os alunos a participarem de atividades escolares e interações em grupo. Técnicas como jogos de papéis, histórias sociais e dinâmicas em grupo têm se mostrado eficazes para estimular a empatia e a comunicação entre estudantes com TEA e seus pares.

Abordagens baseadas nos interesses específicos de cada aluno, em conjunto com o uso de tecnologia e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, mostram-se eficazes para promover o aprendizado significativo e a integração de estudantes com TEA no ambiente escolar e social.

A implementação da abordagem participativa para alunos com Transtorno do Espectro Autista apresenta desafios que exigem uma análise cuidadosa e soluções adaptativas. Embora a abordagem participativa ofereça oportunidades significativas para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, ele também requer estratégias específicas para lidar com as barreiras encontradas nesse contexto.

As características específicas das crianças com TEA refletem a necessidade de um atendimento que atenda suas necessidades e explore ao máximo seu potencial sendo condizente com as políticas de inclusão, a fim de assegurar o acesso e à permanência na rede regular de ensino. (Bianchi, 2017, p. 6).

Muitos por sua vez enfrentam barreiras significantes durante o seu processo de aprendizagem como desafios na comunicação verbal e não verbal. Essa dificuldade pode ser explicada, em parte, pela deficiência na “*teoria da mente*”, proposta por pesquisadores como Simon Baron-Cohen, que argumenta que pessoas com autismo têm dificuldade em atribuir estados mentais a si mesmas e aos outros. Essa limitação afeta a capacidade de interpretar gestos, expressões faciais e intenções dos pares. Além disso, a Teoria Sociocultural de Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento da linguagem e das habilidades sociais ocorre por meio da interação mediada com o outro. Dessa forma, utilizar estratégias como atividades em pares ou pequenos grupos, com mediação do professor, está em consonância com essa abordagem, pois favorece a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento do pensamento social.

Além disso, muitos alunos TEA demonstram uma forte preferência por rotinas e podem se sentir desestabilizados diante de mudanças inesperadas. Essa necessidade de previsibilidade é abordada no modelo TEACCH. Dessa forma, a introdução gradual de novas atividades, ajustada ao ritmo de cada aluno, tem respaldo teórico ao demonstrar que a previsibilidade e a clareza organizacional minimizam o estresse e promovem uma melhor adaptação.

Alunos com TEA costumam ser muito sensíveis a estímulos sensoriais (ruídos, luzes intensas, movimentos excessivos) e ambientes sobrecarregados podem comprometer sua concentração e participação. A Teoria da Integração Sensorial, desenvolvida por A. Jean Ayres, explica que os sistemas sensoriais dos indivíduos autistas podem ter dificuldade para processar

estímulos de forma organizada. Por isso, criar um ambiente com estímulos controlados, reduzindo ruídos, ajustando a iluminação e oferecendo espaços de calma é uma estratégia fundamentada nessa perspectiva teórica. Ao proporcionar zonas de regulação emocional, o professor ajuda o aluno a manter a atenção e a regular seus estados emocionais, facilitando assim sua participação ativa no processo de aprendizagem.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DO “GUIA PEDAGÓGICO CAMINHOS DA INCLUSÃO: INTRODUÇÃO SOBRE O AUTISMO PARA EDUCADORES” NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

A inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista representa um dos maiores desafios da educação contemporânea. As escolas, como espaços de desenvolvimento integral, precisam garantir que todos os alunos tenham acesso ao aprendizado de maneira equitativa, respeitando suas particularidades e fornecendo suporte adequado para seu desenvolvimento acadêmico e social. Para que essa inclusão ocorra de forma efetiva, é essencial que os professores e demais profissionais da educação estejam preparados para acolher, ensinar e apoiar estudantes com TEA, compreendendo suas necessidades e utilizando metodologias que favoreçam seu aprendizado.

Diante dessa necessidade, o "Guia pedagógico caminhos da inclusão: introdução sobre o autismo para educadores" foi desenvolvido como um material de apoio prático para educadores, coordenadores pedagógicos e outros profissionais da área da educação. Ele tem como objetivo fornecer informações essenciais sobre o autismo, desmistificar crenças equivocadas e apresentar estratégias pedagógicas que promovam um ensino acessível e inclusivo. Além disso, este guia busca sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância de um ambiente acolhedor, que respeite a diversidade e valorize o potencial de cada estudante, independentemente de suas características individuais.

Este material está organizado de forma a fornecer uma visão ampla sobre o Transtorno do Espectro Autista e suas implicações no ambiente escolar, além de apresentar sugestões práticas para facilitar a atuação dos professores na inclusão desses alunos.

O guia começa abordando o que é o TEA, suas principais características e os desafios enfrentados por crianças autistas no ambiente escolar. São discutidos aspectos como dificuldades na comunicação, interação social e padrões comportamentais repetitivos, bem como sensibilidades sensoriais que podem impactar a participação desses alunos na rotina escolar. Para proporcionar uma base sólida de conhecimento, o guia também esclarece mitos e verdades sobre o autismo, destacando que cada indivíduo no espectro possui habilidades e desafios únicos, exigindo abordagens educacionais personalizadas.

O material explora estratégias que tornam a aprendizagem mais acessível, como o uso de recursos visuais, o ensino estruturado e o emprego de tecnologias assistivas para facilitar a comunicação e a participação dos alunos no processo educativo.

O guia também oferece estratégias práticas para o ensino de crianças com TEA, organizadas em diferentes eixos:

- Organização do ambiente da sala de aula: Sugestões para estruturar o espaço físico de forma a minimizar distrações, garantir a previsibilidade e criar áreas específicas para diferentes atividades.
- Comunicação Alternativa e Aumentativa: Métodos para auxiliar alunos com dificuldades na comunicação verbal, utilizando figuras, gestos e dispositivos tecnológicos para facilitar a expressão de ideias e sentimentos.
- Rotinas estruturadas e previsibilidade: A importância de manter uma rotina clara e antecipar mudanças para reduzir a ansiedade dos alunos com TEA.
- Materiais didáticos acessíveis e lúdicos: Recursos pedagógicos adaptados que estimulam diferentes formas de aprendizado e tornam as atividades mais atrativas para crianças autistas.
- Uso da tecnologia na aprendizagem: Aplicativos e softwares educativos que ajudam no desenvolvimento cognitivo e na comunicação de alunos com TEA.

Além das estratégias para o ensino, o guia dedica uma seção especial às atividades práticas para a sala de aula, com sugestões de jogos, dinâmicas e exercícios que favorecem a socialização, o desenvolvimento da autonomia e a autorregulação emocional dos alunos com TEA. São apresentadas brincadeiras estruturadas, atividades sensoriais, exercícios para estimular habilidades sociais e práticas voltadas para a organização do dia a dia escolar.

Por fim, o guia destaca a importância da Formação Continuada dos educadores, enfatizando que a inclusão escolar não deve ser vista como um desafio isolado, mas como um processo contínuo de aprendizado e aprimoramento. Para apoiar os professores nessa jornada, são recomendadas leituras, filmes, e especialistas que aprofundam o conhecimento sobre o TEA e apresentam novas abordagens para tornar a educação mais inclusiva.

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular é um compromisso que deve ser assumido por toda a comunidade escolar. Garantir um ambiente educacional acolhedor e acessível não é apenas um direito dos estudantes autistas, mas também um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, empática e diversa.

O “Guia pedagógico caminhos da inclusão: introdução sobre o autismo para educadores” busca ser um recurso valioso para educadores que desejam compreender melhor o TEA e aprimorar suas práticas pedagógicas. Mais do que oferecer informações teóricas, este material propõe soluções práticas e eficazes que podem ser aplicadas no dia a dia da sala de

aula, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e enriquecedor para todos os alunos.

Ao investir na capacitação dos professores e na adaptação do ambiente escolar, promove-se não apenas o aprendizado dos estudantes autistas, mas também se contribui para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, onde cada criança tem a oportunidade de desenvolver seu potencial ao máximo.

Que este guia possa servir como um ponto de partida para reflexões, ações e transformações no campo da Educação Inclusiva, inspirando professores e demais profissionais a acolherem e apoiarem seus alunos com TEA de maneira cada vez mais eficaz e humanizada.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública localizada no município de Macapá. A participante envolvida na pesquisa foi uma professora do ensino regular. Os critérios de seleção foram: o tempo de experiência da professora do ensino regular em sala de aula, a presença de auxiliares na turma, e a presença de alunos com TEA diagnosticados pela escola.

A pesquisa ocorreu durante três semanas, com 3 (três) etapas intituladas como: 1) Observação, 2) Planejamento e 3) Colaborativa.

1) Etapa de Observação

Importante frisar que no transcorrer de toda a semana de observação ocorreram diálogos com a professora, na busca de informações acerca de suas vivências, práticas pedagógicas e dificuldades.

A ficha de observação, que consta no Apêndice A, foi instrumento norteador durante a primeira etapa, foi elaborada de forma autoral em que se sistematizou os dados obtidos na pesquisa de campo, facilitando e otimizando tempo. Os pontos norteadores para observação foram:

- Organização e condução das atividades em sala, incluindo a estrutura das aulas, as estratégias pedagógicas e os recursos utilizados;
- Interação e mediação durante o processo de ensino e aprendizagem, destacando como a professora lida com as necessidades individuais dos alunos e promove a participação de todos, em especial os alunos com TEA;

2) Etapa de Planejamento

Para a segunda etapa, de planejamento, elaborou-se o plano de intervenção, que consta no Apêndice B. Apesar de termos solicitado o planejamento de aula à professora, não se obteve acesso ao material até o momento da construção do planejamento. Diante dessa ausência, foi necessário elaborar o plano de intervenção a partir das considerações e observações efetivadas em sala de aula, e das conversas realizadas com a professora ao longo da semana anterior. Após a conclusão da elaboração do planejamento foi socializado o documento com a professora por

meio do *whatsapp* para que ela desse suas contribuições para aprimoramento e aplicação eficaz na realidade de sua sala de aula.

O planejamento de intervenção possui referência de autores como Lev Vygotsky (1998), Howard Gardner (2001), Maria Montessori (2017) e Henry Jenkins (2009). Vygotsky (1998) defende a importância da aprendizagem de forma mediada, em que as ferramentas pedagógicas são utilizadas para mediar o conhecimento entre o aluno e o conteúdo. Gardner (2001) aponta que cada criança possui maneiras diferentes de aprender, e o uso de materiais concretos podem incentivar as diferentes inteligências. No mesmo viés, Montessori (2017) afirma que os materiais sensoriais e manipulativos, no processo de aprendizagem, permitem que a criança explore e aprenda de forma autônoma. Jenkins (2009), por sua vez, baseado em métodos ativos e colaborativos, discute a integração de recursos tecnológicos na sala de aula, para assim envolver os alunos com a tecnologia tornando o aprendizado significativo.

Durante a etapa de planejamento, também foram adaptados materiais como: atividades e jogos pedagógicos, levando em consideração, as necessidades de cada aluno, suas características individuais e estilo de aprendizagem.

3) Etapa Colaborativa

No primeiro dia de intervenção, o diferencial da aula foi o uso de material visual e sensorial; já no segundo dia, foram utilizados materiais interativos e recursos tecnológicos; e no terceiro dia, a aula teve material de apoio, abrangendo o maior quantitativo de estratégias de ensino-aprendizagem possíveis.

Assim, na semana de colaboração, foram realizadas as atividades planejadas (Apêndice C) na segunda etapa. Abaixo serão descritas as atividades:

Atividade 1 – Minha Identidade: Na dinâmica *Minha Identidade* cada criança retira de uma lata um cartão com uma pergunta pessoal e, em seguida, responde para os colegas. O objetivo é que os alunos se apresentem de forma leve e divertida, compartilhando algo sobre suas preferências e experiências. Alguns exemplos de perguntas são: "Qual seu brinquedo favorito?", "Se você pudesse ser um animal, qual seria?", ou "Qual sua comida preferida?". A atividade estimula o sentimento de pertencimento ao grupo, a **comunicação oral** e a **escuta ativa**, criando um ambiente acolhedor em que todos podem se expressar.

Atividade 2 – Crie um desenho a partir da linha: A atividade *Crie um desenho a partir de uma linha* é uma proposta em que cada criança deve escolher um colega de quem goste ou que se identificou, inspirado pela dinâmica *Minha Identidade*. A partir de uma linha pré-desenhada na folha, a criança completa o desenho, transformando a linha em uma representação de seu colega. A ideia é que a linha inicial sirva como ponto de partida para a criação, estimulando a criatividade e a percepção visual das crianças. Além disso, a atividade inclui o uso de barbante para dar textura ao desenho, trabalhando assim o aspecto sensorial e adicionando uma dimensão tátil. Ao manusear o barbante, as crianças desenvolvem a coordenação motora fina e ampliam sua percepção sensorial, ao mesmo tempo em que exercitam a criatividade.

Essa atividade tem como foco principal a **expressão artística**, a **criatividade** e o fortalecimento dos **laços afetivos** entre os alunos. Ao desenharem um colega, eles precisam observar características e traços que consideram importantes, reforçando os vínculos e a empatia já trabalhados na dinâmica anterior. Além de promover a socialização e a valorização do outro, a atividade desenvolve a capacidade de cada criança em **transformar ideias simples em criações mais elaboradas**, partindo de um elemento básico como a linha.

Atividade 3 – Tabuleiro Jornada da Lagarta: O jogo de tabuleiro *Jornada da Lagarta* é uma atividade em que as crianças são divididas em dois grupos e, por meio de jogadas de dado, cada equipe move seus personagens pelo tabuleiro. Cada casa possui uma figura que representa uma ação relacionada à história "O caso da lagarta que tomou chá de sumiço". No jogo, o símbolo de interrogação, por exemplo, indica que a criança deve responder a uma pergunta sobre a história; as casas com animais representam desafios relacionados ao enredo; e as casas com o símbolo de quebra-cabeça pedem que a criança monte palavras simples usando letras móveis.

Essa atividade tem como objetivo trabalhar a **cooperação em grupo**, o **raciocínio lógico** e a conexão com a narrativa da história lida em sala. Além de reforçar a **compreensão do texto**, o jogo estimula habilidades linguísticas e cognitivas, pois envolve desafios de **leitura**, **formação de palavras** e **resolução de perguntas**. Ao mesmo tempo, o jogo promove o desenvolvimento social, incentivando as crianças a trabalharem juntas e a respeitarem as regras e o tempo dos colegas.

Atividade 4 – Criação de palavras simples: A atividade foi realizada utilizando o data show como recurso, esta atividade consiste em **formar palavras derivadas** a partir de palavras primitivas, usando **sufixos** e **prefixos** na língua portuguesa. Os sufixos ou prefixos eram

projetados no quadro e as crianças completavam e identificavam qual era a palavra, todas as crianças participaram. Este tipo de atividade é de suma importância, pois permite que a criança exercite a habilidade de escrita. Esta atividade tem como objetivo trabalhar a **escrita** e a **leitura** dos alunos.

Atividade 5 – Reconhecer e ordenar os números de 1 a 20: A atividade foi impressa, realizada utilizando o quadro branco como recurso facilitador. A atividade consistiu em utilizar **números naturais como indicador de quantidade ou de ordem** em diferentes situações cotidianas e reconhecer as situações em que os números não indicam contagem e nem ordem, mas sim códigos de identificação.

Atividade 6 – Encontrando a forma geométrica: A atividade foi realizada utilizando uma lousa digital, complementada por um vídeo interativo do *YouTube* - Especial os pequerruchos almanaque - Formas (círculo, quadrado, triângulo, retângulo e oval) - Durante a exibição do vídeo, as **formas geométricas** foram apresentadas de maneira clara e envolvente, permitindo que as crianças comparassem as diferentes figuras e observassem sua presença no cotidiano. É importante ressaltar que a utilização de recursos digitais nesta atividade teve um impacto significativo, especialmente na interação das crianças autistas. A participação durante os momentos de observação e interação favoreceu a aprendizagem e o uso da tecnologia proporcionou um ambiente estimulante para essa construção. O vídeo possibilitou que as crianças vissem exemplos práticos das formas geométricas em seu dia a dia, como em objetos comuns e na arquitetura ao seu redor. Essa abordagem não apenas enriqueceu a experiência de aprendizado, mas também incentivou discussões entre os alunos, **promovendo um ambiente colaborativo.**

Atividade 7 – Atividade de pintura: A atividade que as crianças tinham que pintar as diversas formas diferenciando-as por cores foi proposta, visando desenvolver a **criatividade**, **coordenação motora** e **percepção das cores**, também permitiu que as crianças usassem esse momento para se divertirem utilizando diversos tipos de materiais de pinturas como tinta guache, pincéis coloridos, lápis de cores e giz de cera.

Atividade 8 – Jogo Caçando Emoções: O jogo foi realizado após a exibição de um vídeo do *YouTube* – Lidando com emoções – Turma do Folclore - na lousa digital que abordava diferentes emoções. Neste jogo, foram utilizadas cartas que representavam **emoções** e **sentimentos**, permitindo que cada criança fosse chamada para participar ativamente. Durante a atividade, todos foram incentivados a conversar e debater sobre o que causava os sentimentos registrados nas cartas, promovendo uma reflexão coletiva. A participação dos alunos autistas

foi especialmente importante, pois o jogo proporcionou um espaço seguro para a expressão de suas emoções e experiências, esta atividade fomentou a comunicação e a empatia entre os alunos. Além disso, ao discutirem as emoções, os alunos puderam desenvolver **habilidades socioemocionais**, essenciais para o convívio social. A troca de experiências enriquecia o diálogo, permitindo que cada criança compreendesse melhor suas próprias emoções e as dos outros. Assim, conforme enfatiza Goleman (1995), "a inteligência emocional é fundamental para o sucesso nas relações interpessoais", e essa atividade contribuiu para o fortalecimento desse aspecto no grupo.

Após conclusão destas 3 (três) etapas, o próximo momento desta pesquisa será a entrega de um Guia Pedagógico, contendo informações sobre autismo, para a professora participante e para a escola-campo. No Guia Pedagógico haverá orientações concernentes a comportamentos atípicos, referências de leituras para capacitação da professora, recomendações de atividades lúdicas e concretas para serem utilizadas no planejamento de aulas e desenvolvidas na prática pedagógica, além de orientação de organização de rotina em sala de aula.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta uma análise detalhada dos resultados obtidos durante os dias de observação e colaboração em sala de aula, destacando os desafios e avanços selecionados. Foram abordadas as variações no ambiente escolar, desde as questões de infraestrutura como a falha no ar-condicionado até a dinâmica de gestão da turma e o impacto das provas institucionais, bem como a forma com as práticas pedagógicas e as intervenções colaborativas influenciaram o engajamento e dos alunos, em especial das crianças com autismo. A discussão se fundamenta na comparação entre metodologias tradicionais e estratégias inovadoras, evidenciando a importância de adaptações que atendam às necessidades específicas de cada aluno e promovam um aprendizado maior.

Primeiro dia de observação: Durante o primeiro dia de observação, percebeu-se uma sala, inicialmente, barulhenta e inquieta, as crianças andando, brincando e conversando alto, isso devido o momento ocioso por conta do atraso da professora regente de sala. Após a chegada da professora, percebeu-se o domínio da turma, onde ela organizou as disposições das carteiras, e distribuiu os alunos com o objetivo de que a aula fluísse melhor. O número de crianças presentes eram 22 (vinte e duas), dentre elas 4 (quatro) crianças autistas, sendo 3 (três) com nível de suporte 2 (dois) e 1 (um) com nível de suporte 3 (três). O ambiente, no modo estrutural, possui uma distribuição de 30 (trinta) carteiras pequenas, adequadas ao tamanho das crianças, dispostas em três fileiras horizontais, possuindo em suas paredes alguns estímulos visuais como gravuras de personagens animados, alfabeto e numerais. No dia em específico, a central de ar da sala estava defeituosa, o que causou desconforto e agitação nas crianças.

Na semana em que se realizou a observação, estavam ocorrendo as provas de Língua Portuguesa e Matemática do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), portanto, as primeiras horas das aulas foram destinadas à execução da prova pelos alunos. A prova foi aplicada em dois dias, e por ser em larga escala, ou seja, padrão para todos os alunos, por parte da Secretaria de Educação não houve adaptações para crianças com necessidades específicas. Enquanto escola, também não houve adaptações ou recursos concretos, apenas dois alunos autistas foram direcionados para o AEE com uma auxiliar para a aplicação das provas, o motivo desse direcionamento foi exclusivamente pelo ambiente ser mais silencioso e adequado, sem muitos estímulos sensoriais. As demais crianças com autismo permaneceram na sala, apenas um com auxiliar, o que ocasionou uma certa disparidade dos demais colegas, enfrentando dificuldades na leitura, na compreensão do comando e interpretação das questões.

No restante do dia foram executadas as **demais atividades**, que por sua vez, foram em suma no livro didático, em que a professora foi ao quadro corrigir o dever de casa do livro didático de Língua Portuguesa encaminhado no dia anterior, após a correção deu início a atividade do dia, no mesmo livro, onde acompanhou a turma no exercício. O que se pôde verificar é a não adaptação do conteúdo do dia para as crianças com TEA nível de aprendizado das crianças ou seu nível de necessidades específicas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5ª edição (DSM-5). Como resposta, observou-se as crianças ociosas e sem estímulos, dando a impressão de que estão apenas cumprindo hora, sem inclusão.

Sobre as **interações**, foi possível analisar que a professora manteve um bom relacionamento com todas as crianças, sendo dinâmica e didática. Sua relação com as crianças autistas é atenciosa e compreensiva, mantendo postura firme quando necessário e sabendo lidar com as situações que acontecem ao decorrer da aula. As interações entre os colegas de sala e as crianças autistas com a maioria é harmoniosa, interação e não há distinção. Uma criança em específica que em alguns momentos, belisca os colegas ocasionando receio por parte dos colegas, mas na maioria do tempo há interações entre ele e os colegas.

No quesito **comportamental** das crianças autistas na rotina escolar, verificou-se que **durante as atividades** elas demonstram tranquilidade, concentração e atenção aos comandos, concluindo, quando adequada ao seu nível ou com a ajuda do auxiliar, as atividades. Em decorrência das provas, não foi possível verificar se há rotina pré-estabelecidas nesse dia.

Em **nível sensorial**, percebeu-se que não há desregulação sensoriais severas, sejam por conta de luzes, texturas, cores ou gravuras, havendo apenas comportamentos de regulação quando há muito barulho.

Segundo dia de observação: No decorrer do segundo dia de observação, constatou-se novamente que a sala de aula apresentava inquietação e barulho excessivo, decorrentes do atraso da professora regente. Após a sua chegada, foi promovido um momento de organização da turma, no qual os alunos foram dispostos em locais estratégicos, visando facilitar o apoio da professora e dos auxiliares. Em sequência, a professora conduziu uma música de boas-vindas, que já integra a rotina da turma.

O total de crianças presentes neste dia foi de 21 (vinte e uma), incluindo 4 (quatro) alunos autistas. O ambiente da sala estava excessivamente quente, em virtude de uma falha no sistema de ar-condicionado, o que gerou desconforto e agitação entre os alunos. Durante os primeiros períodos de aula, foi realizada a continuidade da prova SAEB. Observou-se no

segundo dia, que apesar das dificuldades enfrentadas, as crianças conseguiram realizar a prova, embora não houvesse o estímulo adequado para motivá-las de maneira eficaz.

Após a conclusão da prova, os alunos tiveram um intervalo para o lanche. No retorno, a professora regente organizou um momento de leitura com os alunos; no entanto, esse momento carecia de um objetivo pedagógico claro. Posteriormente, foram realizadas atividades no livro didático da escola, mas notou-se a ausência de estímulos suficientes para que os auxiliares de sala pudessem oferecer o apoio necessário à professora e aos demais alunos.

Ao final do dia, a observação evidenciou que a rotina da sala de aula carecia de estímulos, adaptações e materiais concretos e sensoriais. Esses elementos são fundamentais para facilitar e assegurar o suporte necessário à inclusão das crianças autistas no ambiente escolar. A falta desses recursos compromete a qualidade da aprendizagem e a participação efetiva de todos os alunos.

Terceiro dia de observação: No terceiro dia de observação, a aula iniciou na sala do Laboratório de Informática Educacional (LIED) onde havia alunos não somente do 1º ano, mas também de outras turmas. A aula, utilizou como recurso o datashow, era interativa e abordava a formação de sílabas e palavras, disciplina Língua Portuguesa. A professora do LIED apresentou dificuldade de manejo de turma, os alunos estavam agitados e eufóricos, não havia adaptações para crianças com necessidades específicas. Dentre as crianças que estavam na aula identificou-se diferentes níveis de aprendizagem.

O total de crianças presentes no dia foi de 18 (dezoito), incluindo os 4 (quatro) alunos autistas. Após a aula na sala do LIED, os alunos foram conduzidos para sua sala de aula, a qual continuava quente, pois o problema da central de ar ainda não havia sido solucionado. Com o clima inadequado às crianças, a professora decidiu realizar a continuação da atividade no refeitório da escola, pois lá o clima estava mais agradável. Ao chegar no refeitório, a professora dividiu a turma em pequenos grupos por mesas, já devidamente acomodados a professora deu início a atividade, com ajuda dos auxiliares de sala e dos estagiários. A atividade consistia na colagem de arroz que seria a continuação da atividade do “vatapá”, os estagiários ali presentes ajudaram com a distribuição dos grãos de arroz e passando cola nos pratinhos para que os alunos pudessem colar os grãos. Ao final da atividade todos permaneceram no mesmo local para aguardar a hora do lanche. Posteriormente, os alunos retornaram à sala de aula comum onde fizeram a correção do dever de casa. Ao final do terceiro dia de observação, constatou-se que não houve nenhuma atividade adaptada para atender as crianças autistas, deixando-as à margem da aprendizagem ofertada aos demais.

Quarto dia de observação: No último dia, estavam presentes em sala 23 (vinte e três) crianças, delas 4 (quatro) autistas, nesse dia concentrou-se em estar mais envolvidos nas atividades que estavam ocorrendo na sala de aula, com o objetivo de se familiarizar com as crianças, tendo em vista a semana de colaboração. Do mesmo modo que foi possível fazer análises finais, entender o dia a dia dessa turma, de que forma a professora executa sua prática pedagógica, e por meio das atividades que foram passadas ver o que se trabalhava com as crianças. Ainda nesse dia, houve a presença de um professor de Educação Física, que ministrou a aula com duração de 1 hora. Logo após as crianças foram liberadas para o intervalo, que teve duração em média de 15 minutos.

Considerou-se esse dia como importante para a finalização das análises e apontamentos para a construção do plano de intervenção, tendo em vista também, a compreensão e discussão de quais práticas e metodologias utilizar na sala de aula comum para as aulas serem atrativas para as crianças em geral, e inclusiva e integrativa para as crianças autistas.

Primeiro dia de colaboração: No primeiro dia de colaboração, estavam presentes 18 (dezoito) crianças na sala de aula, sendo 3 (três) crianças autistas. Nessa primeira intervenção, segundo o planejamento da semana, foi o dia em que se utilizou o material concreto como proposta de aprimoramento das práticas docentes existentes na escola. Iniciamos Iniciou-se a intervenção com a dinâmica de acolhimento *minha identidade* onde foi possível uma interação inicial com as crianças de modo geral, conhecendo cada uma mais a fundo e gerando confiança, foi a maneira que se encontrou para iniciar a intervenção com o auxílio de um material concreto. A partir das observações, foi proposto à professora a **apresentação da rotina** para as crianças cotidianamente, assim, ofertou-se aos alunos e mais especificamente as crianças autistas previsibilidade e clareza do que teriam que executar durante o dia, evitando sobrecarga sensorial.

Ao seguir o planejamento em conjunto que se elaborou, o terceiro momento foi destinado a correção do dever de casa do livro didático. Em sequência foi apresentada a atividade *crie um desenho a partir da linha*, uma atividade de artes visto que também é componente curricular do Ensino Fundamental e segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o ensino de artes contribui para o desenvolvimento integral do aluno, promovendo a expressão, a criatividade, ao mesmo tempo que possibilita a ampliação de repertórios culturais. Sentiu-se falta de ser trabalhado em sala de aula outras disciplinas que não somente Língua Portuguesa e Matemática, muito devido ao foco quase que total na prova do SAEB.

Para Libâneo (2014), no livro *Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática*, a qualidade de ensino que tem por objetivo o treinamento ou qualificação de pessoas para serem competentes no que fazem, nessa concepção há a supervalorização dos resultados de uma avaliação, a classificação da escola em comparação às outras, e o repasse de recursos como recompensa. Assim, ocasionou um desequilíbrio na formação total da criança e por muitas vezes excluindo as crianças com necessidades específicas como as autistas do processo formativo educacional.

Após a finalização deste momento ocorreu o intervalo para o lanche das crianças, que durou por volta de 10 a 15 minutos. Durante o lanche as crianças ficam livres para comerem o lanche oferecido pela escola e aproveitam o tempo para brincar com os pares.

Em seguida, no retorno para a sala de aula, iniciou-se a atividade do livro didático de Língua Portuguesa, como recurso de apoio utilizou-se o quadro para explicar cada questão de forma ilustrativa e para que todos acompanhassem, enquanto um acadêmicos-pesquisadores explicava a atividade no quadro, os outros dois davam apoio para as crianças com autismo. Dessa forma, explicou-se como o trabalho em conjunto é importante e possível, assim facilitando o trabalho docente e tornando-o eficaz.

Posteriormente, foi realizada a contação da história *O caso da lagarta que tomou chá de sumiço*, como material concreto utilizou-se o tabuleiro *Jornada da lagarta*, que serviu como estratégia de fixação da história lida anteriormente, as crianças participaram e gostaram bastante, tornando um diferencial e atração especialmente para as crianças com autismo, sendo um material visual para a condução de um momento de aprendizado e participação entre os pares.

No plano de aula planejou-se mais atividades, mas devido ao tempo não foi possível executar todas as atividades propostas. Portanto, finalizou-se as atividades do primeiro dia com bons resultados, de forma positiva e sem adversidades.

Segundo dia de colaboração: No segundo dia de colaboração, eram presentes 20 (vinte) crianças, sendo 3 (três) autistas, e por conta de os recursos tecnológicos da escola apresentarem mau funcionamento, houve a necessidade de inversão do uso dos materiais em concordância com o planejamento semanal, utilizou-se materiais de apoio da própria escola como forma de incentivo a não somente o uso do livro didático. Iniciou-se com a dinâmica de acolhimento, realizando uma cantiga de roda e se utilizou os números de 1 a 20 para que posteriormente fosse analisado o grau de conhecimento das crianças em relação aos números.

Posteriormente, apresentou-se a **rotina** da sala de aula e se efetuou a correção do dever de casa do livro didático. Em seguida, deu-se início às atividades de Língua Portuguesa com o assunto: Criação de palavras simples, utilizando o quadro como recurso. Este tipo de atividade é de suma importância, pois permite que a criança exercite a habilidade de escrita, esta atividade aborda a habilidade de criar palavras da BNCC (EF07LP03), que consiste em formar palavras derivadas a partir de palavras primitivas, usando sufixos e prefixos produtivos na Língua Portuguesa. A seguir, com o recurso do datashow realizou-se a atividade: reconhecer e ordenar os números de 1 a 20, disciplina de Matemática, que compete a habilidade EF01MA01, consiste em utilizar números naturais como indicador de quantidade ou de ordem em diferentes situações cotidianas e reconhecer situações em que os números não indicam contagem e nem ordem, mas sim código de identificação.

Ao final do segundo dia de colaboração, observou-se uma evolução na interação das crianças autistas com as demais.

Terceiro dia de colaboração: Durante o terceiro dia de colaboração, estavam presentes 22 (vinte e duas) crianças em sala, sendo 4 (quatro) crianças autistas. Conforme o planejamento semanal, utilizou-se materiais digitais para enriquecer a intervenção pedagógica. Iniciou-se com uma dinâmica de acolhimento, que nos permitiu avaliar o conhecimento prévio das crianças sobre formas geométricas. Em seguida, apresentou-se a rotina da sala de aula e se realizou a correção do dever de casa do livro didático.

Posteriormente, introduziu-se um jogo interativo por meio de um projetor, em que as crianças puderam explorar novas formas geométricas e refletir sobre suas aplicações no cotidiano. Essa atividade foi especialmente benéfica para as crianças autistas, que muitas vezes se destacam em contextos visuais e interativos, permitindo-lhes fazer conexões de maneira mais eficaz. Após essa atividade, distribuiu-se uma folha fotocopiada com formas geométricas para que os alunos pintassem e diferenciassem por quantidade, reforçando conceitos matemáticos pertinentes ao currículo do Ensino Fundamental e a percepção das cores, também permitiu que as crianças usassem esse momento para se divertirem.

Em continuidade, os alunos assistiram a um vídeo interativo que abordou a importância de saber lidar com os sentimentos, destacando a necessidade de aprender a administrar as diferenças emocionais em suas interações sociais. A habilidade de reconhecer e lidar com emoções é fundamental para o desenvolvimento saudável das crianças, conforme afirmado por Daniel Goleman (1995).

No entanto, é importante destacar que, no caso de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, o aspecto emocional vai além de simplesmente lidar com as emoções. Essas emoções precisam ser ensinadas e estão contempladas na Base Nacional Comum Curricular. Pessoas com autismo enfrentam dificuldades específicas relacionadas ao transtorno, como desafios na Teoria da Mente, funcionamento dos neurônios-espelho, e na linguagem verbal e não verbal, o que compromete ainda mais o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

A Teoria da Mente refere-se à capacidade de atribuir estados mentais a si mesmo e aos outros, compreendendo que outras pessoas possuem crenças, desejos e intenções diferentes das próprias. Indivíduos com autismo frequentemente apresentam dificuldades nesse processo, o que impacta suas interações sociais (Baron-Cohen, 1995).

Após o vídeo, realizou-se um jogo concreto denominado "Caçando Emoções", que consiste em cartas ilustrando diferentes sentimentos. As crianças, organizadas em roda, puderam compartilhar o que provoca determinadas emoções em cada uma delas. Este momento foi enriquecedor, pois proporcionou um espaço seguro para expressarem suas emoções e praticarem a empatia, respeitando suas particularidades. Essa atividade permitiu abordar a habilidade EI03EO01, que consiste em demonstrar empatia pelos outros, reconhecendo que as pessoas têm sentimentos, necessidades e formas de pensar e agir distintas.

Ao final do terceiro dia de cooperação, observou-se a interação positiva de todas as crianças nas atividades propostas, com destaque para as crianças autistas, que participaram de acordo com suas especificidades. As atividades foram organizadas de forma adaptável aos diferentes níveis de suporte, garantindo que cada criança pudesse participar dentro de suas limitações, favorecendo tanto o aprendizado individual quanto a inclusão no grupo.

Quarto dia de colaboração: No dia previsto para a quarta intervenção, houve uma reprogramação devido a uma atividade organizada pela Prefeitura Municipal em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação: o desfile cívico em alusão ao dia 13 de setembro, data que celebra a criação do Território Federal do Amapá. Diversas escolas municipais foram selecionadas para participar do desfile, incluindo a escola em que foi realizada a intervenção. Em virtude desse evento, foi necessário ajustar o cronograma e concentrar a intervenção em três dias.

Ressalta-se que a prática pedagógica da professora regente, em alguns momentos, foi marcada pela execução de práticas tradicionais. Para Paulo Freire (2005), na obra *Pedagogia do Oprimido*, a prática pedagógica tradicional se firma na concepção de educação bancária, em que o professor é o detentor dos saberes e o aluno apenas um personagem secundário, servindo

apenas como ouvinte, não tendo um papel ativo em sua aprendizagem. A utilização de metodologias tradicionais nos dias contemporâneos, é visto como obsoleto, é necessário planejar aulas baseadas em metodologias que valorizam a presença ativa da criança.

6 DISCUSSÃO

A interação entre a professora e os alunos apresenta aspectos positivos, contudo, observa-se a necessidade de aprimoramentos, especialmente no que diz respeito à atenção individualizada às crianças com deficiência ou necessidades educacionais específicas. Durante a observação, constatou-se que a professora do ensino regular não destina momentos específicos para atender esses alunos, o que pode comprometer seu desenvolvimento acadêmico. Além disso, a adaptação do conteúdo e das atividades para esses estudantes é insuficiente, e os auxiliares de sala são subutilizados, apesar de sua presença. Dessa forma, um planejamento mais detalhado poderia assegurar que esses profissionais desempenhassem um papel mais ativo no suporte aos alunos, promovendo uma abordagem mais inclusiva e eficaz.

O referencial teórico destaca a importância da mediação pedagógica na aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Segundo Vygotsky (1998), a interação social desempenha papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional, sendo essencial que o professor atue como mediador no processo de ensino-aprendizagem. Glat (2007) reforça que a mediação pedagógica deve ser intencional e planejada para atender às necessidades individuais dos alunos. Entretanto, os dados observados indicam que a ausência de uma abordagem mediada para os alunos com TEA resulta em desmotivação e participação limitada.

A adaptação curricular e o uso de recursos pedagógicos diferenciados são aspectos essenciais para a aprendizagem de crianças com TEA. Mantoan (2003) e Glat e Pletsch (2013) defendem a utilização de metodologias ativas, como o ensino estruturado, materiais visuais e jogos pedagógicos, para garantir o acesso ao conhecimento. No entanto, verificou-se que o ensino na sala observada ainda se baseia, predominantemente, no livro didático, sem adaptações para os alunos com necessidades específicas. Essa abordagem pode dificultar a assimilação do conteúdo e comprometer a inclusão efetiva.

Outro ponto relevante é o papel dos auxiliares de sala. Batista *et al.* (2023) destacam que esses profissionais desempenham uma função essencial no suporte às crianças com TEA, facilitando a aprendizagem e promovendo a autonomia. Contudo, os registros da observação indicam que os auxiliares não são plenamente aproveitados em sala de aula, limitando seu potencial como agentes facilitadores da inclusão.

As metodologias ativas são amplamente reconhecidas como estratégias fundamentais para o engajamento de alunos com TEA. De acordo com Rodrigues, Silva e Silva (2021), essas metodologias permitem que os alunos sejam protagonistas de seu aprendizado, favorecendo sua

autonomia e participação ativa. No contexto observado, apesar de algumas atividades lúdicas terem sido aplicadas, ainda há um predomínio do ensino tradicional, com pouca diversificação dos métodos de ensino.

Além disso, a estrutura da sala de aula e a organização da rotina também são fatores determinantes para a inclusão. Glat (2009) e Mantoan (2003) enfatizam que um ambiente estruturado e previsível favorece a adaptação dos alunos com TEA, reduzindo a ansiedade e promovendo maior segurança no aprendizado. Entretanto, a observação revelou desafios estruturais, como a falta de climatização adequada e a ausência de uma rotina bem definida, o que pode impactar negativamente a experiência dos alunos.

Diante dessas considerações, constata-se que a prática observada ainda apresenta desafios significativos em relação à implementação de estratégias inclusivas. Embora haja uma interação positiva entre professora e alunos, a falta de planejamento específico para atender às necessidades individuais das crianças com TEA compromete a efetividade do ensino.

A literatura reforça que a inclusão exige intencionalidade pedagógica, metodologias ativas e suporte adequado, garantindo que todos os alunos tenham acesso equitativo ao aprendizado. Portanto, faz-se necessário um aprimoramento das práticas docentes, com foco na adaptação curricular, na mediação pedagógica e na otimização do uso dos auxiliares de sala, para que o ensino se torne, de fato, inclusivo e acessível a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas ao longo desta pesquisa permitiram compreender as estratégias pedagógicas utilizadas para promover a aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista no 1º ano do Ensino Fundamental. Durante a observação e a etapa colaborativa, constatou-se que, embora a professora demonstre comprometimento com a inclusão, ainda existem desafios na adaptação do ensino para atender plenamente às necessidades desses alunos.

A ausência de materiais concretos e metodologias diversificadas, assim como a falta de um planejamento estruturado, dificultam a participação ativa das crianças autistas no processo educacional. Além disso, evidenciou-se a importância do uso de estratégias ativas e recursos pedagógicos adaptados, bem como a necessidade de Formação Continuada para os docentes.

A presente pesquisa contribui para o debate sobre práticas pedagógicas inclusivas, fornecendo um panorama das dificuldades enfrentadas pelos professores e destacando a necessidade de adaptações para um ensino mais acessível.

Um dos principais produtos desse estudo foi a construção de um Guia Pedagógico, material que reúne estratégias, sugestões de atividades e recursos que podem auxiliar os docentes no planejamento de aulas inclusivas. A abordagem colaborativa demonstrou que pequenas mudanças, como o uso de recursos visuais e atividades sensoriais, podem impactar positivamente o engajamento e o aprendizado dos alunos autistas.

No entanto, a pesquisa apresentou algumas limitações. O tempo reduzido de observação e intervenção restringiu a possibilidade de acompanhar os impactos das estratégias aplicadas ao longo do desenvolvimento educacional dos alunos. Além disso, o estudo foi realizado em apenas uma escola da rede municipal, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos educacionais.

A ausência de adaptação institucional para avaliações padronizadas também se revelou um fator limitante, dificultando a participação efetiva dos alunos autistas nesses processos.

Diante dessas considerações, sugere-se que pesquisas futuras explorem a evolução dos alunos autistas ao longo de um ano letivo, a fim de analisar os impactos a longo prazo das estratégias pedagógicas inclusivas.

Além disso, recomenda-se investigar a influência da Formação Continuada dos professores na inclusão de alunos com TEA, identificando metodologias específicas e o suporte oferecido pelas redes de ensino. Estudos comparativos entre diferentes escolas, considerando

abordagens pedagógicas variadas, podem fornecer insights valiosos sobre as práticas mais eficazes para promover a inclusão e a aprendizagem significativa de crianças autistas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, António Jorge Fernandes; FELIZARDO, Sara. **Alunos com perturbações do espectro do autismo, interação com os pares e inclusão escolar**: percepções das crianças do 1º ciclo do ensino básico. Trabalho de projeto de Educação Especial, 2015.
- ALMEIDA, Rodrigo da Silva *et al.* A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e suas contribuições para a Educação Inclusiva: construindo uma educação para todos. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 2, p. 89-89, 2017.
- ARAÚJO, Elisângela do Nascimento de. **A contribuição do método TEACCH para o atendimento psicopedagógico**. 2016.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- AYRES, A. J. **Sensory Integration and Learning Disorders**. Los Angeles: Western Psychological Services, 1972.
- BARBIERI, M.; SILVA, A. L. A. **Educação Inclusiva e o Transtorno do Espectro Autista: desafios e perspectivas**. Editora Educacional, 2021.
- BARBOSA, Ivone Garcia; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. **Método dialético: uma construção possível na pesquisa em educação da infância? Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 2, 2004. ISSN 1808-4281.
- BATISTA, Maria Aparecida Silva *et al.* O papel do professor-mediador no processo de inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Perspectivas Teóricas sobre Educação Especial e Inclusiva**, p. 40.
- BIANCHI, Rafaela Cristina. **A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades**. 2017.
- BORGES, Vanessa dos Anjos; SANTOS, Marcos Vinicius Azevedo dos; SOUZA, Vitor Hugo Xavier de. Uma análise sistemática sobre a aplicação da aprendizagem baseada em problemas em ambientes virtuais de aprendizagem. **Revista Alomorfia**, v. 8, n. 5, p. 203-217, 2024.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CADERNOS DE EDUCAÇÃO. **A inclusão escolar de crianças com autismo no Brasil**. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 45-67, 2019.
- CÓBRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. 10. ed., São Paulo: Papyrus, 2019.
- COSTA, Carla Patrícia da Silva Guedes; OLIVEIRA, Rubenil da Silva. A importância do uso de estratégias de mediação pedagógica para a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 40, n. 75, p. 43-57, jan./abr. 2018.

COSTA, D. A.; PEREIRA, J. R. A adaptação do ambiente escolar para alunos com TEA. **Revista de Psicopedagogia**, v. 27, n. 3, p. 50-63, 2023.

COSTA, D. A.; SILVA, J. R. Ensino baseado nos interesses específicos de alunos com TEA. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 2, p. 5.

COSTA, Fernanda A. de S. C. **Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

FOZ, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o lúdico na educação infantil e no atendimento a crianças com TEA**. São Paulo: Editora XYZ, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. 14. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GLAT, Rosana. Adaptações curriculares no contexto da Educação Inclusiva. *In*: FRANCO; MANDELBLATT. **Anais do congresso INES: 150 anos do cenário da educação brasileira**. Rio de Janeiro, p. 42-47.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O cérebro autista: pensando além do espectro**. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2023**. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 30 set. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LIBÂNEO, José C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. São Paulo: Editora Heccus, 2014.

LIMA, M. G.; PEREIRA, A. F. **Uso da tecnologia no ensino de alunos com TEA**. *Revista de Tecnologias Educacionais*, v. 21, n. 1, p. 112-125, 2023.

LIMA, Renata da C.; AGUIAR, Maria da C. C. de. **Formação Continuada de professores: o que dizem os formadores**. *Tópicos Educacionais*, Recife, v. 21, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/download/22417/18610>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MALLMANN, Elena Maria. Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143088>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Educação Inclusiva: o que o professor precisa saber**. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.

MEDEIROS, Dailma da Silva *et al.* As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. **Estudos Iat**, v. 6, n. 1, 2021.

RAMOS, Fabiane dos Santos, *et al.* Intervenção mediada por pares: conceito e implicações para a pesquisa e para as práticas pedagógicas de professores de alunos com autismo. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, p. 23-23, 2018.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça (org.). **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Curitiba: Appris, 2018.

VELOSO, Jennyfer Suellen Santiago. **Formação de professores para a inclusão de alunos com transtorno do espectro autista**. 2024.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A: FICHA DE OBSERVAÇÃO UTILIZADA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – PESQUISA DE CAMPO
ACADÊMICOS: FERNANDO MAIA, JESSICA VILHENA E MARLON LEMOS

FICHA DE OBSERVAÇÃO	
OBSERVADOR:	DATA: / /
Nº DE CRIANÇAS:	Nº DE CRIANÇAS COM AUTISMO:
DESCRIÇÃO DO AMBIENTE:	
<hr/> <hr/> <hr/>	
ATIVIDADES REALIZADAS (individual, em grupo, concreta, impressa, oral):	
<hr/> <hr/> <hr/>	
RECURSOS UTILIZADOS:	
<hr/> <hr/>	
ADAPTAÇÕES (visual, sensorial, tempo adicional, material concreto):	
<hr/> <hr/> <hr/>	
FEEDBACK (resposta da criança à atividade, foi adequada ao nível da criança?):	
<hr/> <hr/> <hr/>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS:	
<hr/> <hr/> <hr/>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS AUTISTAS:	
<hr/> <hr/> <hr/>	
INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS E AS CRIANÇAS AUTISTAS:	
<hr/> <hr/> <hr/>	

OBSERVAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS: <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AUTISTAS: 1. DURANTE AS ATIVIDADES (participação, concentração, autocontrole): <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
2. SOCIAL (interações, rotina, conflitos): <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
3. SENSORIAL (sons, luzes, texturas, cores, gravuras): <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
OBSERVAÇÕES GERAIS: 1. ASPECTOS POSITIVOS: <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
2. ASPECTOS NEGATIVOS: <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
3. SUGESTÕES DE INTERVENÇÕES OU APOIO: <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
OUTROS: <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

APÊNDICE B: PLANO DE INTERVENÇÃO

PLANO DE INTERVENÇÃO – ENSINO FUNDAMENTA I – 1º ANO		
PROFESSOR(A): Fernando Maia; Jessica Vilhena; Marlon Lemos.		COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA/ ARTES/ HISTÓRIA
ANO: 2024	TURMA: 121	DATA: 09/09/2024
OBJETIVO (S)		
HABILIDADES BNCC: EF01LP01, EF01LP04, EF01LP05 Ler palavras simples e frases curtas; Desenvolver a consciência fonológica; Escrever a partir de imagens e outros estímulos. EF15AR01, EF15AR02 Explorar diferentes formas e texturas em atividades artísticas; Utilizar materiais diversos para desenvolver a coordenação motora. EF01HI02 Identificar características da própria identidade e as dos colegas, valorizando a diversidade cultural.	OBJETO DE CONHECIMENTO: Língua Portuguesa 1. Leitura e Interpretação de Texto: 2. Escrita e Produção de Texto: Artes 1. Coordenação Motora Fina: 2. Texturas e Formas: História 1. Identidade e Diversidade:	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM: <ul style="list-style-type: none"> • Promover a interação social e o reconhecimento da identidade dos alunos. • Desenvolver a coordenação motora fina e a expressão artística. • Ampliar a compreensão da leitura e a construção do texto. • Estimular a criatividade e a fixação de conteúdos de maneira lúdica.
ATIVIDADES PROGRAMADAS DO DIA		
Acolhimento: atividade de apresentação "minha identidade" - 15 a 20 min. Apresentar a rotina do dia: Atividades, lanche, etc. – 5 min. Correção de dever de casa – 30 a 45 min. Artes: Crie um desenho a partir da linha - 30 a 40 min. Livro didático - Português: Texto + atividade - 50 a 1h Tabuleiro de perguntas e respostas como material concreto para fixação - 20 a 30 min. Leitura doce: com palavras simples relacionadas ao texto. - 15 a 20 min. Historinha: O caso da lagarta que tomou chá de sumiço Atividade musical: Bim bam & ritmo das cores - 10 a 15 min.		
MATERIAL DIDÁTICO PEDAGÓGICO		
SUPORTE:	Folha de papel e lápis coloridos, Barbantes para atividade de artes, Livro didático de Língua Portuguesa, Tabuleiro de perguntas e respostas, Cartões com palavras simples para a "Leitura Doce", História impressa "O caso da lagarta que tomou chá de sumiço", fichas coloridas para a atividade musical.	
FERRAMENTA DIGITAL:	Caixa de som, celular com música.	
METODOLOGIA		
ACOLHIDA:	Minha Identidade: A turma será organizada em círculo. Cada aluno irá tirar um card da lata e compartilhar uma informação sobre sua identidade (nome, algo que gosta de fazer, cor favorita, etc.).	

	Rotina: explicar as atividades que serão desenvolvidas no dia Correção de dever de casa.
SITUAÇÃO PROBLEMA:	<ul style="list-style-type: none"> • Como transformar uma linha ou barbante em uma obra de arte com formas e texturas? • Como entender o significado de um texto e responder às questões de interpretação? • Como interpretar uma história e extrair seu significado?
VIVÊNCIA COM O MATERIAL CONCRETO:	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos utilizam barbantes e colas para formar desenhos, desenvolvendo habilidades motoras e artísticas. • Leitura de um texto simples no livro didático, seguida de atividades que envolvem escrita e compreensão. • Jogo de tabuleiro com perguntas relacionadas ao texto e às atividades realizadas. • Cartões com palavras simples retiradas do texto lido, onde os alunos praticam a leitura.
EXERCÍCIO DE APLICABILIDADE:	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de conceitos de arte (textura, forma, coordenação) em trabalhos criativos. • Responder questões e completar frases aplicando as habilidades de leitura e escrita. • Aplicação de conceitos de leitura e interpretação de maneira lúdica, reforçando a memorização e a cooperação entre colegas. • Aplicação dos conceitos de ritmo e coordenação motora de forma prática, trabalhando música e movimento corporal.
AVALIAÇÃO:	Observação contínua da participação e do engajamento dos alunos em cada atividade; Registros de produções textuais e artísticas para avaliação do progresso motor e cognitivo; Participação nos jogos e atividades musicais para avaliação do desenvolvimento rítmico e social.
REFERÊNCIAS	
Livro didático Livro impresso "O caso da lagarta que tomou chá de sumiço" de Milton Célio. Atividade da linha: https://vm.tiktok.com/ZMh1Mj265/ Leitura doce: https://vm.tiktok.com/ZMh1Mj35b/ Atividade musical rítmica: https://vm.tiktok.com/ZMh1MSyG9/ Atividade musica bim bam: https://vm.tiktok.com/ZMh1MDLsg/	

PROFESSOR(A): Fernando Maia; Jessica Vilhena; Marlon Lemos.		COMPONENTE CURRICULAR: LINGUA PORTUGUESA / MATEMÁTICA	
ANO: 2024		TURMA: 121	
DATA: 10/09/2024			
OBJETIVO (S)			
HABILIDADES BNCC: EF01MA02 Contar e ordenar números naturais de 1 a 20, compreendendo a sequência numérica e reconhecendo sua importância no cotidiano. EF01LP06 Identificar e utilizar letras e sílabas para formar palavras e iniciar a leitura de palavras simples. EF01MA04 Associar quantidades a números e fazer correspondência entre a quantidade de objetos e a representação numérica.		OBJETO DE CONHECIMENTO: Língua Portuguesa 1. Leitura e Reconhecimento de Palavras Simples: 2. Formação de Palavras: Matemática 1. Identificação e Contagem de números: 2. Representação e Quantidades:	
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM: <ul style="list-style-type: none"> Promover o reconhecimento e a leitura de palavras simples, desenvolvendo as habilidades iniciais de formação de palavra e compreensão de texto; Facilitar o entendimento e a aplicação dos conceitos básico de contagem, numeração e representação de quantidades. 			
ATIVIDADES PROGRAMADAS DO DIA			
Acolhimento: Momento em roda com música, reconhecimento dos números de 1 a 20 - 15 a 20 min. Apresentar a rotina do dia: Atividades, lanche, etc. - 5 min. Correção de dever de casa - 30 a 45 min. Português: Criação de palavras simples no quadro e atividade do livro didático - 30 a 40 min. Livro didático - Português: Texto + atividade - 50 a 1h Matemática: Reconhecer e ordenar os números de 1 a 20 (objetos) e atividade do livro didático - 30 a 40 min. Momento de Leitura Coletiva - 20 min. Atividade de pintura.			
MATERIAL DIDÁTICO PEDAGÓGICO			
SUPORTE:	Folha de papel e lápis coloridos, Livro didático de Língua Portuguesa, objetos pequenos (bolinhas peças de brinquedo, etc.), livro de historinhas, caixa de som e celular com música.		
FERRAMENTA DIGITAL:	Caixa de som, celular com música.		
METODOLOGIA			
ACOLHIDA:	A turma será recebida na sala de aula com um momento de interação, conversa e música, seguido de breve investigação sobre o conhecimento dos números de 1 a 20. Rotina: explicar as atividades que serão desenvolvidas no dia Correção de dever de casa.		
SITUAÇÃO PROBLEMA:	<ul style="list-style-type: none"> Qual a dificuldade do conhecimento dos números de 1 a 20? 		

	<ul style="list-style-type: none"> Como utilizar letras e sílabas para formar palavras diferentes? Como identificar e usar letras iniciais de palavras?
VIVÊNCIA COM O MATERIAL CONCRETO:	<ul style="list-style-type: none"> As crianças utilizaram do quadro branco para atividades voltados ao reconhecimento dos números e letras iniciais das palavras. Utilizaram o uso de objetos para representar quantidades numéricas. Leitura de um texto simples.
EXERCÍCIO DE APLICABILIDADE:	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação dos conceitos de matemática e português. Leitura e interpretação. Interação com os pares. Raciocínio.
AValiação:	Ocorrerá através da participação e interação durante as dinâmicas e atividades, através do registro de atividades de matemática e português.
REFERÊNCIAS	
Livro didático https://educador.com.br/atividades-de-alfabetizacao/ https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEijEpHyDu6AQ02jo6E-AoHsPMIZRcV3vQG7Hc3MxnVensoBswjXfULcsHzs38wv_jEvxZHYhQgY5jF3mSH38LXeIqau-AfbUeMR1iOn7F_8y1xDyIMbvSkC2YXoIVQCtWNuB0ZBJGyJQw/s2048/ATIVIDADES-COM-NUMERAIS-N%25C3%259AMEROS-PRONTAS-RENOTAS-IMPRIMIR-100-50-9-10-1-2-3-4-5-6-7-8-9-0+%25288%2529.jpg https://br.pinterest.com/pin/379709812347651131/	

PROFESSOR(A): Fernando Maia; Jessica Vilhena; Marlon Lemos.		COMPONENTE CURRICULAR: MATEMÁTICA
ANO: 2024	TURMA: 121	DATA: 11/09/2024
OBJETIVO (S)		
HABILIDADES BNCC: EF01MA14 Identificar e nomear figuras planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo) em desenhos apresentados em diferentes disposições ou em contornos de faces de sólidos geométricos.	OBJETO DE CONHECIMENTO: Matemática 1. Identificação das formas geométricas (círculo, quadrado, triângulo e retângulo). 2. Reconhecimento visual das formas.	OBJETIVO DE APRENDIZAGEM: <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer e nomear as formas geométricas básicas: círculo, quadrado, triângulo e retângulo. Desenvolver habilidades motoras através da criação de formas geométricas com materiais diversos.
ATIVIDADES PROGRAMADAS DO DIA		
Acolhimento: Momento em roda, apresentação das formas geométricas - 15 a 20 min. Apresentar a rotina do dia: Atividades, lanche, etc. – 5 min. Correção de dever de casa – 30 a 45 min. Matemática: Exploração das formas geométricas e atividade do livro didático – 30 a 40 min. Momento de Atividades Coletiva - 20 a 30 min. Atividade de colagem - 30 min.		
MATERIAL DIDÁTICO PEDAGÓGICO		
SUPORTE:	Folha de papel e lápis coloridos, Livro didático de Matemática, caixa de som e celular com música.	
FERRAMENTA DIGITAL:	Caixa de som, celular com música.	
METODOLOGIA		
ACOLHIDA:	A turma será recebida na sala de aula com um momento de interação, conversa e música, seguido de breve investigação sobre o conhecimento das figuras geométricas. Rotina: explicar as atividades que serão desenvolvidas no dia. Correção de dever de casa.	
SITUAÇÃO PROBLEMA:	<ul style="list-style-type: none"> Qual a dificuldade do reconhecimento das figuras geométricas? Como identificar a presença das figuras geométricas no seu cotidiano? 	
VIVÊNCIA COM O MATERIAL CONCRETO:	<ul style="list-style-type: none"> As crianças utilizarão materiais didáticos para formar as figuras. Utilizarão o uso de objetos para representar as formas. 	
EXERCÍCIO DE APLICABILIDADE:	<ul style="list-style-type: none"> Apliação dos conceitos de matemática; 	

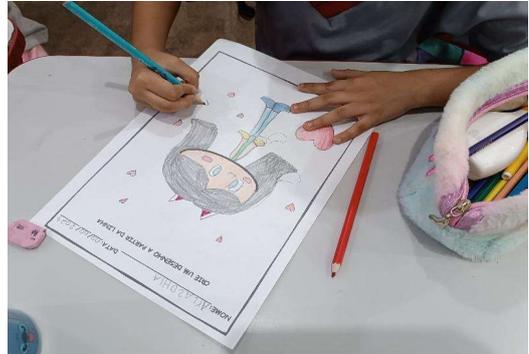
	<ul style="list-style-type: none"> Interação com as formas; Responder questões; Raciocínio.
AValiação:	A avaliação será feita de forma contínua, observando a participação dos alunos, a identificação correta das formas e a criatividade durante a atividade prática.
REFERÊNCIAS	
Livro didático https://educador.com.br/?s=figuras+geometricas https://br.pinterest.com/pin/436849232618619258/ https://br.pinterest.com/pin/10907224091856613/	

APÊNDICE C: ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ACADÊMICOS-PESQUISADORES

Atividade 1 - Minha identidade



Atividade 2 – Crie um desenho a partir da linha



Atividade 3 – Tabuleiro: jornada da lagarta

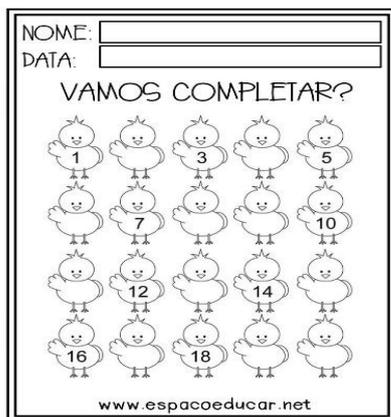


Atividade 4 – Criação de palavras simples



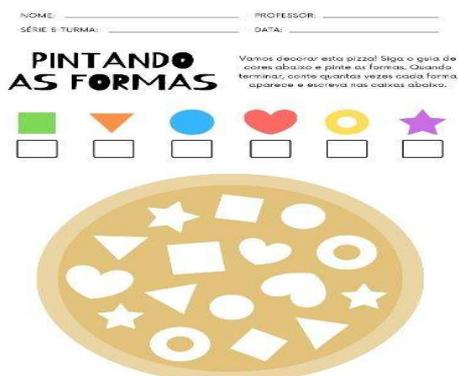
Atividade 5 – Reconhecer e ordenar os números de 1 a 20

Atividade 6 – Encontrando a forma geométrica



Atividade 7 – Atividade de pintura

Atividade 8 – Jogo: caçando emoções



APÊNDICE D: REGISTROS DE OBSERVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – PESQUISA DE CAMPO
 ACADÊMICOS: FERNANDO MAIA, JESSICA VILHENA E MARLON LEMOS

FICHA DE OBSERVAÇÃO	
OBSERVADOR: <u>Fernando Lucas F. Maia</u>	DATA: <u>28/08/2024</u>
Nº DE CRIANÇAS: <u>22</u>	Nº DE CRIANÇAS COM AUTISMO: <u>4</u>
DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: <u>Inicialmente desorganizado e agitado, após a chegada da professora, mais calmo. Colar central está defeituoso. Pequenos estímulos visuais nas paredes como grammas mesas dispostas em 3 fileiras horizontais</u>	
ATIVIDADES REALIZADAS (individual, em grupo, concreta, impressa, oral): <u>1ª Prova de Língua Portuguesa (16g.)</u> <u>2ª Hectura de história</u> <u>3ª Correção de dever de casa (fl. P)</u> <u>4ª Atividade de livro (fl. P)</u>	
RECURSOS UTILIZADOS: <u>1ª: impresso com 16 questões / 2ª: livro de história / 3ª: caderno de livro</u>	
ADAPTAÇÕES (visual, sensorial, tempo adicional, material concreto): <u>1ª: prova não adaptada</u> <u>2ª: não há adaptações</u> <u>3ª: não houve adaptações</u>	
FEEDBACK (resposta da criança à atividade, foi adequada ao nível da criança?): <u>Em algumas crianças foi adequada ao nível, porém para outras por desconhecimento da não adaptação foi mais difícil o trabalho.</u>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS: <u>A professora interage com todas as crianças atendendo a todas quando requisitado. Age com atenção e dinamismo, tendo cuidado com as didáticas de fácil compreensão.</u>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS AUTISTAS: <u>Demonstra atenção às necessidades adotando metodologia de fácil compreensão, atende aos chamados e tem postura firme quando necessário.</u>	
INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS E AS CRIANÇAS AUTISTAS: <u>As crianças tem medo e receio de uma criança específica que possui estereotípia. Com as demais crianças autista a interação é livre e todas convivem e brincam.</u>	

OBSERVAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:

Há auxiliares pedagógicos apoiando as crianças autistas na prova e uma criança foi para o AEE. É deixado livre para interação.

COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:**1. DURANTE AS ATIVIDADES (participação, concentração, autocontrole):**

Durante as atividades demonstram tranquilidade e concentração, não atendem aos comandos e concluem as atividades, alguns (2) com auxílios dos auxiliares e professora.

2. SOCIAL (interações, rotina, conflitos):

No primeiro momento em desconhecimento da prova não foi possível perceber se há rotina, ou conflitos. As interações com os colegas foram naturais.

3. SENSORIAL (sons, luzes, texturas, cores, gravuras):

1º inicialmente andando por conta do erro. Em segundo momento apesar de barulho (conversa paralela) não demonstraram desconforto.

OBSERVAÇÕES GERAIS:**1. ASPECTOS POSITIVOS:**

Didática da professora

2. ASPECTOS NEGATIVOS:

Falta de auxílio presente dos auxiliares na hora da história.

3. SUGESTÕES DE INTERVENÇÕES OU APOIO:

Utilização de material concreto, de fácil compreensão e trabalhar o visual, visto que tem alunos não verbais

OUTROS:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - PESQUISA DE CAMPO
ACADÊMICOS: FERNANDO MAIA, JESSICA VILHENA E MARLON LEMOS

FICHA DE OBSERVAÇÃO	
OBSERVADOR: <i>Jessica Edwards Luis Vilhena</i>	DATA: <i>29/03/24</i>
Nº DE CRIANÇAS:	Nº DE CRIANÇAS COM AUTISMO:
DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: <i>SALA de aula do 5º do ensino fundamental, ambiente com bastante alunos, 2 Auxiliares de sala e 1 Alunos TEA e uma Professora.</i>	
ATIVIDADES REALIZADAS (individual, em grupo, concreta, impressa, oral): <i>Redigação de Prova Português</i>	
RECURSOS UTILIZADOS: <i>LIVRO PEDAGOGICO</i>	
ADAPTAÇÕES (visual, sensorial, tempo adicional, material concreto): <i>Não, após Redigação de prova e Atividade no livro.</i>	
FEEDBACK (resposta da criança à atividade, foi adequada ao nível da criança?): <i>Normal.</i>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS: <i>Professora interage de forma positiva com todos os alunos de forma clara e objetiva.</i>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS AUTISTAS: <i>Pequena interação e interação dos pais com a turma não possuem um momento de interação para somente com alunos autistas.</i>	
INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS E AS CRIANÇAS AUTISTAS: <i>Está não é uma exclusão dos alunos autistas, está presentes junto com seus pares.</i>	

OBSERVAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:
 Meus não tem muito estímulo com atividades adaptadas para os alunos autistas, não tem tempo para a professora pensar um pouco com cada aluno.

COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:

1. DURANTE AS ATIVIDADES (participação, concentração, autocontrole):
 Participação na ponta do limite, autocontrole Regular.

2. SOCIAL (interações, rotina, conflitos):
 Boas.

3. SENSORIAL (sons, luzes, texturas, cores, gravuras):
 Nenhum.

OBSERVAÇÕES GERAIS:

1. ASPECTOS POSITIVOS:
 Interação da professora com os alunos em geral

2. ASPECTOS NEGATIVOS:
 Falta de estímulos sensoriais, músicas e

3. SUGESTÕES DE INTERVENÇÕES OU APOIO:
 Sugestão de atividades concretas, lúdicas, fugir do livro.

OUTROS:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – PESQUISA DE CAMPO
ACADÊMICOS: FERNANDO MAIA, JESSICA VILHENA E MARLON LEMOS

FICHA DE OBSERVAÇÃO	
OBSERVADOR: <i>Marlon de Lemos de Souza</i>	DATA: <i>30/08/2024</i>
Nº DE CRIANÇAS: <i>18</i>	Nº DE CRIANÇAS COM AUTISMO: <i>4</i>
DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: <i>Ambiente claro, espaçoso, decorado com materiais didáticos.</i>	
ATIVIDADES REALIZADAS (individual, em grupo, concreta, impressa, oral): <i>- Aula de informática</i>	
RECURSOS UTILIZADOS: <i>Dafastou</i>	
ADAPTAÇÕES (visual, sensorial, tempo adicional, material concreto): <i>Não houve nenhum tipo de adaptação</i>	
FEEDBACK (resposta da criança à atividade, foi adequada ao nível da criança?):	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS: <i>Professora de informática não tem controle dos alunos, os mesmos não se concentram.</i>	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS AUTISTAS: <i>Não há interação.</i>	
INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS E AS CRIANÇAS AUTISTAS: <i>Conversas normais, brincadeiras, nada fora do normal.</i>	

OBSERVAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:

Não há um tratamento especial, participam da aula como os demais.

COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:**1. DURANTE AS ATIVIDADES (participação, concentração, autocontrole):**

Tentam participar, mas como não há uma atenção (subsídio) especial eles acabam ficando agitados.

2. SOCIAL (interações, rotina, conflitos):

- As interações não são intermediadas corretamente nem pela professora e nem pelos auxiliares de sala.

3. SENSORIAL (sons, luzes, texturas, cores, gravuras):

- As crianças autistas incomodam-se com a gritaria das outras crianças.

OBSERVAÇÕES GERAIS:**1. ASPECTOS POSITIVOS:**

Houve maior interação entre as crianças.

2. ASPECTOS NEGATIVOS:

Não houve controle sobre as crianças.

3. SUGESTÕES DE INTERVENÇÕES OU APOIO:**OUTROS:**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - PESQUISA DE CAMPO
ACADÊMICOS: FERNANDO MAIA, JESSICA VILHENA E MARLON LEMOS

FICHA DE OBSERVAÇÃO	
OBSERVADOR: Marlon de Lemos de Souza	DATA: 02/09/2024
Nº DE CRIANÇAS: 23	Nº DE CRIANÇAS COM AUTISMO: 4
DESCRIÇÃO DO AMBIENTE: Ambiente claro, espaçoso.	
ATIVIDADES REALIZADAS (individual, em grupo, concreta, impressa, oral): Atividade de educação física	
RECURSOS UTILIZADOS: Livro didático, quadro.	
ADAPTAÇÕES (visual, sensorial, tempo adicional, material concreto): - Não houve adaptações.	
FEEDBACK (resposta da criança à atividade, foi adequada ao nível da criança?): - Não houve.	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS: - Pouca interação.	
INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS AUTISTAS: - Não houve.	
INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS E AS CRIANÇAS AUTISTAS: Brincadeiras, conversas normais.	

OBSERVAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:

As crianças participam como as demais, mas não há uma atenção específica para elas.

COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AUTISTAS:**1. DURANTE AS ATIVIDADES (participação, concentração, autocontrole):**

participam, mas não há autocontrole.

2. SOCIAL (interações, rotina, conflitos):

interações sem intermediação da professora.

3. SENSORIAL (sons, luzes, texturas, cores, gravuras):

Sem adaptações

OBSERVAÇÕES GERAIS:**1. ASPECTOS POSITIVOS:**

Aumento da interação.

2. ASPECTOS NEGATIVOS:

A professora não tem o controle da turma.

3. SUGESTÕES DE INTERVENÇÕES OU APOIO:**OUTROS:**

APÊNDICE E: GUIA PEDAGÓGICO CAMINHOS DA INCLUSÃO



AUTORES

FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA
JESSICA EDUARDA DIAS VILHENA
MARLON DE LEMOS DE SOUSA

DIAGRAMAÇÃO E LAYOUT

FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA

ARTE DA CAPA

FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA

REVISÃO

FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA
JESSICA EDUARDA DIAS VILHENA
DIANA REGINA ALVES

ILUSTRAÇÕES LICENCIADAS POR

©crownlab via Canva.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
O QUE É TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA?.....	02
MITOS SOBRE O TEA	04
ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM TEA	05
ATIVIDADES PRÁTICAS PARA SALA DE AULA	10
O AUTOCUIDADO EM CRIANÇAS AUTISTAS	14
REFERÊNCIAS QUE ABORDAM O AUTISMO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20
SOBRE OS AUTORES	23

APRESENTAÇÃO

Este guia surge para fornecer orientações sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) para pedagogos, no intuito de contribuir com práticas pedagógicas acessíveis e acolhedoras no dia a dia da sala de aula. Segundo Souza (2019), a preparação do ambiente e da metodologia de ensino é fundamental para que os alunos com TEA possam se sentir mais seguros e integrados ao processo de aprendizagem. Este Guia também enfatiza a importância de uma abordagem individualizada, considerando as necessidades e os ritmos de aprendizagem específicos de cada aluno com autismo, o que é essencial para o processo de inclusão escolar.

Assim sendo, o Guia Pedagógico *Caminhos da Inclusão*, com orientações sobre o autismo destinado a professores, busca disponibilizar soluções práticas e eficazes que possam ser aplicadas diretamente no ambiente escolar, especialmente na sala de aula. De modo que, as possíveis dificuldades vislumbradas na rotina escolar possam ser superadas ou amenizadas ao longo do processo de construção da inclusão escolar.

DESEJAMOS QUE VOCÊ, PROFESSOR, TENHA UMA ÓTIMA EXPERIÊNCIA COM A LEITURA DESTE GUIA PEDAGÓGICO. BOM ESTUDO!



O QUE É O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA?

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos e restritos. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) - manual onde há a descrição de diversos transtornos mentais, o TEA é um espectro, o que significa que suas manifestações podem variar amplamente de pessoa para pessoa, tanto em intensidade quanto em características específicas. Algumas crianças podem apresentar dificuldades significativas na fala e na compreensão social, enquanto outras podem apresentar habilidades verbais, mas enfrentam desafios na interpretação de normas sociais e emocionais, o que pode variar de pessoa para pessoa. Além disso, é comum que indivíduos com TEA tenham sensibilidades sensoriais aumentadas ou diminuídas em relação a estímulos como luz, som e texturas.

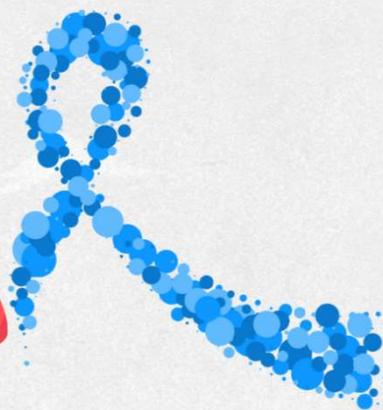
AUTISMO É UM ESPECTRO, MAS...



Nos primeiros anos de vida, alguns sinais podem indicar a presença do TEA, sendo essencial a observação cuidadosa por parte de pais, educadores e profissionais da saúde. Entre os principais sinais apresentados por crianças nos anos iniciais da escolarização, de acordo com Backes, Zanon e Bosa (2015), destacam-se:

- Dificuldades na interação social: pouca ou nenhuma resposta ao chamado pelo nome, dificuldade em estabelecer contato visual e menor interesse em interações com outras crianças.
- Alterações na comunicação: atraso no desenvolvimento da linguagem, ecolalia (repetição de palavras ou frases), dificuldade em compreender expressões faciais e tom de voz.
- Comportamentos repetitivos e interesses restritos: movimentos estereotipados (como balançar as mãos ou girar objetos), apego intenso a rotinas e padrões específicos de brincadeiras.
- Respostas incomuns a estímulos sensoriais: hipersensibilidade a sons, luzes ou texturas, bem como baixa sensibilidade à dor ou ao toque.

A identificação precoce desses sinais possibilita intervenções adequadas, favorecendo o desenvolvimento da criança e sua inclusão em ambientes escolares e não-escolares.



MITOS SOBRE O AUTISMO

O desconhecimento sobre o TEA é cercado por equívocos e informações incorretas. Esclarecer mitos e verdades é fundamental para promover a inclusão escolar desse alunado (Da Silva, Rozec. 2022).

1. Pessoas com TEA não têm sentimento?

Mito! Indivíduos com TEA possuem emoções e são capazes de sentir e demonstrar afeto. No entanto, podem ter dificuldades em expressar sentimentos da maneira convencional.

2. Pessoas com TEA não conseguem se comunicar?

Mito! Embora algumas pessoas possam apresentar dificuldades na comunicação verbal, muitas utilizam outras formas de comunicação.

3. Pessoas com autismo são agressivas?

Mito! Embora algumas pessoas com TEA possam apresentar níveis mais baixos de tolerância e maiores picos de frustração, isso geralmente ocorre devido a dificuldades de comunicação ou situações de desconforto. No entanto, essa não é uma característica presente em todos os autistas, e muitos manifestam suas insatisfações de outras maneiras.

4. Pessoas com autismo não gostam de ter amigos?

Mito! Embora indivíduos com TEA possam enfrentar desafios na interação social, isso não significa que não desejam ter amigos. Muitos querem estabelecer conexões sociais, mas podem ter dificuldades em iniciar ou manter amizades devido às particularidades do transtorno.

Compreender o TEA de forma embasada e livre de preconceitos é essencial para garantir o direito à educação e à participação plena na sociedade.



ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM TEA

1. ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE DA SALA DE AULA

A estruturação do ambiente educacional é um fator determinante para a otimização da aprendizagem desses alunos, uma vez que se houver muitos estímulos visuais ou sonoros para essa criança pode ser motivo de desestabilização emocional/ sensorial. Estudos indicam que indivíduos com TEA demonstram dificuldades em lidar com mudanças inesperadas e excesso de estímulos sensoriais, o que torna fundamental a organização espacial por meio de áreas delimitadas para cada atividade, garantindo previsibilidade e segurança (Giacconi; Rodrigues, p. 12, 2014).



DICAS EXTRAS:

1. Posicione a carteira da criança de maneira estratégica na sala, de preferência distante da porta e próximo a você.
2. Reserve a carteira somente para ele, você pode identificar a mesa com a foto da criança oferecendo previsibilidade ao aluno.
3. Ter em sua sala um cantinho onde a criança possa se regular é um diferencial.

Ademais, a redução de estímulos sonoros e visuais excessivos auxilia na diminuição da sobrecarga sensorial, contribuindo para uma maior concentração e engajamento no processo educacional. Em caso de crianças muito sensíveis aos sons, e em sua sala não seja possível a redução do excesso de ruídos, é indicado que a criança use abafadores que minimizem os barulhos ao redor.

2. COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA (CAA)

Segundo Nascimento, das Chagas e das Chagas (2021), a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) é um conjunto de estratégias e recursos que ajudam pessoas com dificuldades na fala ou na escrita a se comunicarem. O objetivo da CAA é proporcionar autonomia e inclusão, permitindo que cada pessoa se expresse de forma eficaz no dia a dia.

O sistema *Picture Exchange Communication System* (PECS) é um sistema de comunicação alternativa que utiliza figuras para ajudar crianças com dificuldades na fala. Seu objetivo principal é promover a comunicação funcional, permitindo que a criança troque cartões com imagens para expressar desejos e necessidades.

Surgiu nos Estados Unidos em 1985, no Brasil, o PECS chegou por meio de profissionais da educação e da terapia, sendo difundido por fonoaudiólogos, psicólogos e educadores especializados. Hoje, ele é amplamente utilizado em escolas, clínicas e centros de apoio, ajudando crianças com dificuldades na comunicação e interagindo de maneira funcional (Santos; et al, p. 2, 2021).



Os materiais podem ser comprados prontos na internet ou feitos com figuras impressas. Na sala de aula, o PECS pode ser usado em atividades do dia a dia, como pedir materiais, participar da chamada ou expressar sentimentos, facilitando a interação e a autonomia dos alunos. Além disso, o uso de gestos, expressões faciais e tecnologia assistiva, como aplicativos de comunicação, possibilita que a criança tenha alternativas para se expressar.

3. ROTINAS ESTRUTURADAS E PREVISIBILIDADE

Machado (p. 10, 2019) destaca que crianças com TEA se beneficiam de rotinas estruturadas, pois isso reduz a ansiedade e melhora a previsibilidade do ambiente. A previsibilidade é essencial para que a criança se sinta segura e compreenda o que irá acontecer ao longo do dia. O uso de cronogramas visuais facilita essa compreensão e permite que a criança tenha maior controle sobre sua rotina. Para facilitar transições entre atividades, lembretes visuais e auditivos podem ser utilizados, assim como avisos prévios sobre qualquer mudança na programação.

IDEIAS PARA FACILITAR O TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA:

1. Criar um quadro com a rotina do dia ilustrada com imagens e palavras-chave, facilitando a visualização das atividades sequenciais.
2. Implementar sistema de recompensas para motivar a adesão à rotina, como pontos que podem ser trocados por objetos de interesse.
3. Utilizar músicas ou sinais sonoros para indicar momentos de transição entre as atividades.



4. MATERIAIS DIDÁTICOS ACESSÍVEIS E LÚDICOS

Segundo Daguano e Fantacini (2011) *apud* Costa (2015), muitas crianças com TEA têm dificuldade de compreender o abstrato portanto aprendem melhor por meio de experiências visuais, sensoriais e concretas. Elementos como imagens, texturas e atividades interativas ajudam a tornar o ensino mais acessível. Jogos educativos e histórias que incentivem o lado social dessa criança são ferramentas valiosas para o ensino de conceitos acadêmicos e habilidades socioemocionais.

IDEIAS PARA FACILITAR O TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA:

1. Criar materiais impressos em alto relevo para auxiliar na exploração tátil, ajudando crianças que precisam de estímulos sensoriais para compreender informações.
2. Usar fantoches e personagens para contar histórias, facilitando a compreensão de normas sociais e comportamentos esperados.
3. Propor atividades práticas que envolvam manipulação de objetos, tornando o aprendizado mais concreto.
4. Utilizar quebra-cabeças personalizados com imagens e palavras para reforçar conceitos trabalhados em sala.
5. Criar caixas sensoriais com diferentes texturas para auxiliar no desenvolvimento tátil e na regulação sensorial.



5. USO DA TECNOLOGIA NA APRENDIZAGEM

Pesquisas como as de Lima e Pereira (2023) demonstram que o uso da tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa no ensino de crianças com TEA. Aplicativos e softwares educativos ajudam no desenvolvimento da comunicação, da coordenação motora e das habilidades cognitivas. O uso de tablets, quadros interativos e realidade aumentada pode tornar o ensino mais dinâmico e motivador. Entretanto, é fundamental que a tecnologia seja usada de forma planejada, garantindo que contribua para a aprendizagem e não se torne uma distração excessiva.

Importante: caso o uso da tecnologia seja um gatilho ou um hiperfoco da criança introduza aos poucos e de maneira limitada, sempre deixando bem claro o objetivo do uso do dispositivo, assim evita-se desregulações.

IDEIAS PARA FACILITAR O TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA:

1. Alguns sites onde tem jogos educativos interativos de varias disciplinas que você pode utilizar nas suas aulas. *Basta clicar na imagem que será redirecionado para o site.*



TFO ESCOLA GAMES



Wordwall



coquinhos
Jogos Educativos



ATIVIDADES PRÁTICAS PARA A SALA DE AULA

A sala de aula é um espaço dinâmico onde a diversidade de alunos requer estratégias pedagógicas que promovam a inclusão e o desenvolvimento integral. A adoção de atividades práticas, como jogos inclusivos, experiências sensoriais e exercícios voltados para habilidades sociais, autonomia e autorregulação, contribui para um ambiente mais acessível e equitativo.

Jogos e brincadeiras são ferramentas pedagógicas fundamentais para a aprendizagem e a socialização. De acordo com Vygotsky (1984), a interação social é essencial para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, tornando os jogos um meio eficaz para a inclusão.

Algumas atividades práticas incluem, jogos estruturados que ajudam na previsibilidade e organização das atividades, reduzindo a ansiedade dos alunos com TEA.

ALGUMAS OPÇÕES SÃO:



JOGOS DA MEMÓRIA VISUAL:

Cartas com imagens familiares e concretas ajudam na associação, atenção e a concentração, esse tipo de atividade fortalece a memória visual e o raciocínio lógico.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS/ HISTÓRIAS SEQUENCIAIS:

Uso de imagens para criar histórias sequenciais são excelentes recursos para desenvolver habilidades cognitivas, linguagem, compreensão temporal e organização de ideias.



ATIVIDADES DE COORDENAÇÃO MOTORA:

Atividades como recorte, pintura com pincel grosso, montagem de blocos, encaixes, jogos com bolinhas e circuitos motores ajudam a desenvolver a coordenação, o equilíbrio e a noção espacial.

A hipersensibilidade (respostas intensas a estímulos) ou hipossensibilidade (respostas reduzidas ou busca por estímulos) sensorial é comum em alunos com TEA.

A **hipersensibilidade** pode fazer com que a criança reaja de forma exagerada a sons, luzes, texturas, cheiros ou toques. Por exemplo, ela pode tampar os ouvidos ao ouvir barulhos comuns, recusar roupas com determinadas texturas ou se incomodar com ambientes muito iluminados. Já a **hipossensibilidade** pode levar a comportamentos como a busca constante por movimento, toques fortes, cheiros intensos ou objetos que façam barulho ou tenham textura diferente, pois o cérebro da criança precisa de mais estímulo para processar essas sensações (Gomes; Pedroso; Wagner, 2008).

ATIVIDADES SENSORIAIS QUE AJUDAM NA REGULAÇÃO:



CAIXAS SENSORIAIS:

Contém materiais variados (areia, arroz colorido, algodão) para estimular o tato e reduzir a ansiedade.



PAINEL TÁTIL:

Superfícies com diferentes texturas ajudam na exploração sensorial de forma segura.



MASSINHA CASEIRA:

Ajuda no desenvolvimento motor e na regulação sensorial por meio do manuseio de diferentes texturas.

Muitas crianças com TEA apresentam dificuldades na interação social, especialmente na compreensão de normas e emoções. Garantir que crianças com autismo tenham oportunidades de conviver com colegas da mesma idade é essencial para estimular suas habilidades de interação e evitar o isolamento.

A interação com os pares é fundamental para o desenvolvimento de qualquer criança, e na escola, a inclusão no ensino regular pode ampliar esses contatos sociais. Esse convívio não beneficia apenas a criança com autismo, mas também os demais alunos, que aprendem a valorizar e respeitar as diferenças (Camargo; Bosa ,p.4 e 5, 2009).

ATIVIDADES SUGERIDAS:



CÍRCULO DE CONVERSA COM APOIO VISUAL:

Uso de imagens ou pictogramas para ajudar os alunos a expressarem sentimentos e opiniões, tornando a comunicação mais acessível.



TEATRO DE SITUAÇÕES SOCIAIS:

Simulação de interações do cotidiano para ensinar respostas sociais adequadas e fortalecer habilidades comunicativas.



JOGO DAS EMOÇÕES:

Utilização de cartas com expressões faciais para que os alunos identifiquem e nomeiem emoções, facilitando a compreensão dos próprios sentimentos e dos outros.



A implementação de atividades adaptadas às necessidades dos alunos com TEA favorece um ambiente escolar mais inclusivo, promovendo o desenvolvimento das habilidades sociais, sensoriais e emocionais. Como destacado por Daguano e Fantacini (2011) apud Costa (2015), crianças autistas se beneficiam de abordagens estruturadas que consideram suas particularidades. A utilização de recursos visuais, atividades estruturadas e técnicas de regulação são fundamentais para garantir a participação ativa e significativa desses alunos no contexto educacional.

OUTRAS SUGESTÕES DE IDEIAS:



CIRCUITOS MOTORES



ATIVIDADES DE ENCAIXE



MOVIMENTOS CORPORAIS



LETRA NA CAIXA DE AREIA
COLORIDA

O AUTOCUIDADO EM CRIANÇAS AUTISTAS

Mesmo que crianças autistas estejam formalmente no Ensino Fundamental, muitas delas ainda estão em fase de consolidação das habilidades previstas para a Educação Infantil especialmente nos campos da experiência "Corpo, gestos e movimentos" e "Eu, o outro e o nós". Algumas crianças sequer tiveram a oportunidade de frequentar uma sala de aula anteriormente. Diante disso, é essencial que tenhamos calma e um olhar atento e cuidadoso para que não pulamos etapas do seu desenvolvimento, mesmo diante da expectativa legítima de pais e professores que desejam vê-las lendo e escrevendo.

O desenvolvimento do autocuidado é um aspecto essencial da aprendizagem e da autonomia na infância. Para crianças com autismo, especialmente as de nível 3 de suporte, que demandam apoio substancial e contínuo, esse processo precisa ser planejado com intencionalidade pedagógica, sensibilidade e adaptações adequadas.

Quando a criança é incentivada a realizar pequenas ações do dia a dia por conta própria, como segurar a colher, vestir uma peça de roupa ou escovar os dentes, ela começa a desenvolver autonomia. Essa autonomia fortalece e amplia a participação em sua rotina e reduz a dependência constante do outro. Com o tempo, essas conquistas fazem com que a criança se sinta mais segura para explorar o ambiente, comunicar suas necessidades e se envolver em outras aprendizagens (Souza, *et al*, 2020).



Alimentar-se, vestir-se, escovar os dentes ou lavar as mãos são ações cotidianas que podem e devem ser transformadas em oportunidades de aprendizagem. Para crianças com autismo nível 3, é importante seguir algumas estratégias:

**BRINCADEIRAS SIMBÓLICAS:**

Como vestir bonecos, dar comidinha a personagens ou simular momentos de higiene, tornando o aprendizado mais leve e divertido.

**MODELAGEM FÍSICA E VERBAL:**

Repetindo sempre que necessário e elogiando cada avanço da criança.

**INTERVENÇÕES COLABORATIVAS:**

Com terapeutas ocupacionais, cuidadores e familiares, garantindo que as estratégias sejam coerentes entre escola e casa.

REFERÊNCIAS QUE ABORDAM O AUTISMO

A educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige estratégias diferenciadas e embasamento teórico sólido. Para auxiliar educadores e profissionais da área, apresentamos uma seleção de livros, artigos, pesquisas, vídeos e documentários que contribuem para uma prática pedagógica mais inclusiva e eficiente.

INDICAÇÕES DE LEITURAS:



O QUE ME FAZ PULAR?" – NAOKI HIGASHIDA

Escrito por um jovem autista não verbal, o livro apresenta sua visão de mundo e suas formas de comunicação.



MÃE, ME ENSINA A CONVERSAR" – DALVA TABACHI

Relato emocionante sobre os desafios e aprendizados de uma mãe na criação de um filho autista.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CULTURA E COTIDIANO ESCOLAR

Explica o que é educação inclusiva, discute os passos necessários para implantá-la e ressalta suas vantagens. Livro fundamental para educadores que desejam saltar da teoria para a prática.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CULTURA E COTIDIANO ESCOLAR

Trata dos pressupostos teórico-metodológicos da Educação Inclusiva, situando-os, concomitantemente, no âmbito da cultura e das práticas pedagógicas do cotidiano escolar brasileiro.

DOCUMENTÁRIOS E FILMES

O audiovisual pode ser uma ferramenta poderosa para ilustrar o autismo e promover a reflexão sobre inclusão, desta forma recomendamos:



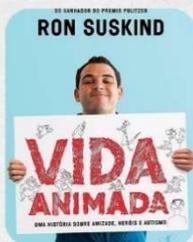
LOOP (2020) – DINEY+

É o primeiro filme da empresa que traz uma personagem não verbal com autismo: a garota Rene.



TEMPLE GRANDIN (2010) – HBO MAX E PRIME VIDEO

Retrata a história real de Temple Grandin, que viveu com um diagnóstico de autismo e ficou muito famosa por seu trabalho e sua representatividade entre a comunidade, mostrando os desafios que enfrentava no cotidiano.



LIFE, ANIMATED (2016) – PRIME VIDEO

Conta a história de Ron Suskind, um jornalista cujo filho Owen vive com autismo, diagnosticado aos 3 anos de idade. Os pais de Owen não sabem muito bem como lidar com ele e, então, descubrem o poder dos filmes de animação para ajudar a dar mais segurança.



FLOAT (2016) – DINEY+

Na trama, Alex, um garotinho, tem o poder de flutuar, o que o torna diferente dos demais. Porém, as pessoas desaprovam essa condição, o que faz com que Bobby, seu pai, mantenha o garoto isolado em casa, tentando protegê-lo.

REFERÊNCIAS BRASILEIRAS NO TEMA

Especialistas brasileiras e Amapaenses que contribuem para os estudos sobre autismo e educação inclusiva:



HIANA MIRANDA DA SILVA

Neuropsicopedagoga especialista em Análise do comportamento aplicada (ABA) e Atendimento Educacional Especializado (AEE), com ênfase na Educação Especial.



MARIA TERESA ÉGLER MANTOAN

Pedagoga, mestre e doutora em Educação. Referência em Políticas de Inclusão Escolar.



MAYANA LACERDA

Psicóloga especialista em Transtorno do Espectro Autista e Neuropsicologia, dedicada a promover inclusão, autonomia e qualidade de vida para neurodivergentes em todas as fases da vida.



ANA BEATRIZ BARBOSA SILVA

É uma médica psiquiatra que aborda o autismo em seus vídeos, artigos e livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular é um compromisso que deve ser assumido por toda a comunidade escolar. Garantir um ambiente educacional acolhedor e acessível não é apenas um direito dos estudantes com autismo, mas também um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, empática e diversa.

O guia "Caminhos da Inclusão: Guia pedagógico para Professores sobre o Autismo" busca ser um recurso valioso para educadores que desejam compreender melhor o TEA e aprimorar suas práticas pedagógicas. Mais do que oferecer informações teóricas, este material propõe soluções práticas que podem ser aplicadas no dia a dia da sala de aula, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e enriquecedor para todos os alunos.

Ao investir na capacitação dos professores e na adaptação do ambiente escolar, estamos promovendo não apenas o aprendizado dos estudantes com autismo, mas também contribuindo para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, onde cada criança tem a oportunidade de desenvolver seu potencial ao máximo.

Que este guia possa servir como um ponto de partida para reflexões, ações e transformações no campo da educação, numa perspectiva inclusiva, inspirando professores e demais profissionais a acolherem e apoiarem os alunos com TEA de maneira cada vez mais humanizada.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Elisângela do Nascimento de. *A contribuição do método TEACCH para o atendimento psicopedagógico*. 2016.

AYRES, A. J. *Sensory integration and learning disorders*. Los Angeles: Western Psychological Services, 1972.

BACKES, Bárbara; ZANON, Regina Basso; BOSA, Cleonice Alves. Características sintomatológicas de crianças com autismo e regressão da linguagem oral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 33, p. 1-10, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3343>.

BIANCHI, Rafaela Cristina. *A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades*. 2017.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A.. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74, jan. 2009.

COSTA, D. A.; PEREIRA, J. R. A adaptação do ambiente escolar para alunos com TEA. *Revista de Psicopedagogia*, v. 27, n. 3, p. 50-63, 2023.

COSTA, Fernanda A. de S. C. **Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

DA SILVA MEDEIROS, Dailma et al. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. *Estudos Iat*, v. 6, n. 1, 2021.

DA SILVA, Karla Fernanda Wunder; ROZEK, Marlene. **Transtorno do espectro autista (TEA): mitos e verdades**. Editora da PUCRS, 2022.

GIACONI, C.; RODRIGUES, M. B. Organização do Espaço e do Tempo na Inclusão de Sujeitos com Autismo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 39, n. 3, 2014. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46442>.

Acesso em: 25 mar. 2025.

GOMES, E.; PEDROSO, F. S.; WAGNER, M. B.. Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 20, n. 4, p. 279–284, out. 2008.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. *O cérebro autista: pensando além do espectro*. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2015.

LIMA, M. G.; PEREIRA, A. F. **Uso da tecnologia no ensino de alunos com TEA**. Revista de Tecnologias Educacionais, v. 21, n. 1, p. 112-125, 2023.

MACHADO, Gabriela Duarte Silva. **A importância da rotina para crianças autistas na educação básica**. GEPESVIDA. n. 9, v. 1, 2019. Disponível em: <https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/337>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Educação inclusiva: o que o professor precisa saber*. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.

NASCIMENTO, Fabrício Crispim do; CHAGAS, Gardênia Santana das; CHAGAS, Francinaldo Santana das. **As tecnologias assistivas como forma de comunicação alternativa para pessoas com transtorno do espectro autista**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 16, 4 de maio de 2021.

SANTOS, P. DE A. *et al.*. **O impacto da implementação do *Picture Exchange Communication System* - PECS na compreensão de instruções em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo.** *CoDAS*, v. 33, n. 2, p. e20200041, 2021.

SOUZA, Rosângela Batista; MOTA, Sabrina Rosa; ROCHA, AnaPaula. **AUTONOMIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:** uma Pesquisa de Campo. *Anais do 2º Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e Tecsona*. 2020; 581-592

VELOSO, Jennyfer Suellen Santiago. *Formação de professores para a inclusão de alunos com transtorno do espectro autista*. 2024.

SOBRE OS AUTORES



FERNANDO LUCAS FERREIRA MAIA

Pesquisador e graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil. E-mail: maiafernando@gmail.com.



JESSICA EDUARDA DIAS VILHENA

Pesquisadora e graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil. E-mail: Jessicavilhenadise@gmail.com



MARLON DE LEMOS DE SOUSA

Pesquisador e graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil. E-mail: lemosmarlon76@gmail.com

Guia Pedagógico

Caminhos da Inclusão:

introdução sobre o **autismo**
para educadores

A inclusão de alunos com TEA no ensino regular é um compromisso coletivo, que precisa ser abraçado por toda a comunidade escolar. Promover um ambiente educacional acolhedor e acessível não é apenas garantir um direito dos estudantes autistas, mas também fortalecer os valores de empatia, justiça e diversidade dentro da escola e da sociedade como um todo.

Este guia é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido com o objetivo de compreender estratégias pedagógicas para o ensino de crianças com Transtorno do Espectro Autista no 1º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública da cidade de Macapá/AP, onde tivemos a oportunidade de dialogar com professores, observar práticas em sala de aula e identificar tanto os desafios enfrentados quanto as iniciativas positivas em relação à inclusão de alunos autistas.

